

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC-SP**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE (FACHS)**  
**CURSO DE PSICOLOGIA**

VINÍCIUS RIBEIRO DE AQUINO ALMEIDA

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**Contribuições de casos clínicos para psicanálise: o que o Homem dos Lobos  
nos ensina?**

São Paulo

2025

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC-SP**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE (FACHS)**  
**CURSO DE PSICOLOGIA**

VINÍCIUS RIBEIRO DE AQUINO ALMEIDA

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**Contribuições de casos clínicos para psicanálise, o que o Homem dos Lobos  
nos ensina?**

Orientador: Prof. Ricardo Radin Bueno

Trabalho de Conclusão de Curso como  
exigência parcial para a graduação no  
Curso de Psicologia sob orientação do  
Prof. Ricardo Radin Bueno

São Paulo

2025

## AGRADECIMENTOS

Ao Ricardo Radin, que para além das orientações técnicas e do olhar cuidadoso, se mostrou amigo e parceiro. Nossas caminhadas foram essenciais para esse trabalho.

Aos meus pais e minha irmã, pelos respiros dos fins de semana e por todo suporte que sempre me deram. Sem vocês nada disso seria possível.

Ao meu grande amigo Bento, pelas boas conversas que tivemos e, mais ainda, pelas que virão.

À Isabella, que esteve junto desde o primeiro dia, com carinho e afeto.

À Nathalia, pelas risadas, segredos e confidências. Quem sempre me acolheu.

À Maísa, por me apresentar a palavra serendipidade e tantas outras. O correr da vida com você é mais gostoso.

Ao Katz, pela companhia nas intermináveis terças-feiras que, no fim, não foram tão intermináveis assim.

À equipe do GIP e à escola Carandá, pelo espaço de formação e reflexão.

À Paula Peron, pela orientação no início do trabalho científico.

## RESUMO

ALMEIDA, V. (2025). Contribuições dos casos clínicos para psicanálise, o que o Homem dos Lobos nos ensina?

Esta pesquisa teve como objetivo investigar as contribuições do caso clínico do Homem dos Lobos para a psicanálise, especialmente quanto à técnica, à transmissão do saber e às problemáticas diagnósticas. Realizou-se um estudo teórico-conceitual baseado em revisão bibliográfica, com análise dos textos de Freud, Brunswick, Lacan e outros autores contemporâneos. A análise contemplou o conceito de caso clínico em psicanálise, contextualizou historicamente o atendimento do Homem dos Lobos por Freud, e explorou os antecedentes e os desdobramentos do tratamento. Foram examinadas as mudanças de caráter do paciente, a cena de sedução com a irmã, o famoso sonho com os lobos e sua interpretação como elaboração da cena primordial. Junto a isso, discutiu-se a sexualidade infantil do paciente, o deslocamento libidinal, os mecanismos de defesa, a castração e o surgimento da neurose obsessiva em sobreposição à neurose fóbica, conforme teorizado por Freud. Também analisou os restos transferenciais que emergiram na análise posterior com Brunswick e as divergências diagnósticas suscitadas ao longo do tempo. No aspecto teórico, revelou-se as tensões entre fantasia e realidade. No aspecto clínico, discutiu-se a técnica e a ética analítica. Concluiu-se que o caso do Homem dos Lobos permanece atual por ilustrar o valor narrativo, clínico, teórico e político da psicanálise.

Palavras-chave: Caso clínico, Homem dos Lobos, Psicanálise, Problemática Diagnóstica, Transmissão

## ABSTRACT

ALMEIDA, V. (2025). "The contributions of clinical cases to psychoanalysis: what can the Wolf Man teach us?"

This research aimed to investigate the contributions of the Wolf Man clinical case to psychoanalysis, especially regarding technique, the transmission of knowledge, and diagnostic issues. A theoretical-conceptual study was conducted based on a bibliographic review, analyzing texts by Freud, Brunswick, Lacan, and other contemporary authors. The content of the course "Freud's Clinical Cases," taught by Douglas Barros, was also considered. The analysis addressed the concept of the clinical case in psychoanalysis, provided historical context for the Wolf Man's treatment by Freud, and explored the background and developments of the case. The patient's character changes, the seduction scene involving his sister, the famous dream with wolves, and its interpretation as a construction of the primal scene were examined. Additionally, the study discussed the patient's infantile sexuality, libidinal displacement, defense mechanisms, castration, and the emergence of obsessive neurosis overlapping with phobic neurosis, as theorized by Freud. It also analyzed the transference remnants that emerged in the later analysis with Brunswick and the diagnostic divergences that arose over time. On the theoretical level, tensions between fantasy and reality were revealed. On the clinical level, technique and analytical ethics were discussed. It was concluded that the Wolf Man case remains relevant today for illustrating the narrative, clinical, theoretical, and political value of psychoanalysis.

**Keywords:** Clinical case, The Wolf Man, Psychoanalysis, Diagnostic challenges, Clinical Transmission

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2. MÉTODO.....</b>	<b>8</b>
<b>3. O QUE É UM CASO CLÍNICO?.....</b>	<b>10</b>
<b>4. DOS ANTECEDENTES DO TRATAMENTO COM FREUD.....</b>	<b>13</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES.....</b>	<b>15</b>
<b>6. O TRATAMENTO NA BERGGASSE 19.....</b>	<b>17</b>
<b>6.1 Panorama geral.....</b>	<b>17</b>
<b>6.2 Sobre a mudança de caráter e a hipótese da sedução.....</b>	<b>17</b>
<b>6.3 O sonho com os lobos e a cena primordial, realidade ou fantasia?.....</b>	<b>20</b>
<b>6.4 Digressões teóricas e tensões políticas: o terreno da infância em disputa.....</b>	<b>26</b>
<b>6.5 E de repente, pensamentos obsessivos.....</b>	<b>28</b>
<b>7. OS RESTOS TRANSFERENCIAIS - DE 1920 A 1923.....</b>	<b>41</b>
<b>8. A ANÁLISE COM BRUNSWICK.....</b>	<b>43</b>
<b>8.1 Comentários gerais.....</b>	<b>43</b>
<b>8.2 A história da doença apresentada durante o tratamento.....</b>	<b>44</b>
<b>8.3 A condução de Brunswick.....</b>	<b>48</b>
<b>CONCLUSÃO: AS PROBLEMÁTICAS DIAGNÓSTICAS.....</b>	<b>55</b>
<b>10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>58</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Por que ler os casos clínicos de Freud? Por que ler o caso do Homem dos Lobos? Qual a sua relevância para a prática clínica contemporânea e quais desdobramentos podemos tirar dele? Foram essas perguntas que guiaram o tema da presente pesquisa. As respostas que encontramos para elas estão apresentadas no desdobramento do texto pela pluralidade que abarcam.

Inicialmente gostaríamos de justificar a escolha do tema. Ele nasceu de um interesse pelo estudo da clínica psicanalítica e, especialmente, sobre sua transmissão. A técnica e a teoria sempre estiveram articuladas aos casos clínicos escritos ao longo da história. O método interpretativo dos sonhos e a teoria da sexualidade infantil se mesclam na narrativa freudiana. Ambas estão presentes ao longo do extenso tratamento analítico de Serguei Pankejeff, conhecido como Homem dos Lobos (Lora e Silva, 2018). No texto, também encontramos as polêmicas a respeito da técnica e do diagnóstico que acompanharam o histórico de publicação do caso. Podemos dizer que o Homem dos Lobos se estende na própria obra freudiana (Lora e Silva, 2018). Além de sintetizar e transmitir o trabalho analítico, ele também é mencionado e, em alguns momentos, repensado, nos textos posteriores de Freud. Como é o caso de *Inibição, sintoma e angústia* (1926), e *Análise finita e infinita* (1937).

Por essas e outras razões, reafirmamos a centralidade e importância do caso para a psicanálise. Porém, uma pergunta central é feita, “O que demandamos ao fazer isso para atualidade da psicanálise” (Lora e Silva, 2018, p. 9)? Qual a importância de lermos e nos debruçarmos sobre casos clínicos? Historicamente, são vários os retornos ao texto. Veremos que diversos psicanalistas buscaram interpretar e, por que não, se apropriar do caso. A própria ideia de ressignificação se apresenta como um elemento essencial nessa história. Na tradução da palavra *Nachträglich*, encontramos a definição de um fenômeno relacionado à “obtenção de novos níveis de entendimento, de compreensão, de revisão de sentido e de elaboração” (Freud, 2021, p. 667). Por isso, podemos dizer que “essas idas e vindas no tempo em diferentes perspectivas lembram, perturbadoramente, o próprio *Nachträglich* que atravessa o texto freudiano” (Lora e Silva, 2028, p. 10).

## 2. MÉTODO

Esta é uma pesquisa sobre psicanálise, feita, principalmente, de elementos teóricos-conceituais. O horizonte geral de pesquisa foi uma investigação bibliográfica acerca do saber psicanalítico. Seu objetivo específico se orientou pela seguinte questão; Quais contribuições podemos extrair do caso clínico do Homem dos Lobos para psicanálise?

O procedimento utilizado para realização deste trabalho foi, majoritariamente, de revisão bibliográfica. Selecionamos três textos que consideramos essenciais para realização do trabalho: *História de uma neurose infantil, Suplemento* a História de uma análise infantil, *Sobre o Homem dos Lobos*, escritos respectivamente por Freud, Brunswick e Lacan. O primeiro diz respeito à análise com Freud e todas suas inquietações a respeito do caso clínico. No segundo, temos a construção do caso de sua segunda analista, indicada por Freud para atender seu antigo paciente. No último, encontramos a interpretação que Lacan faz de ambos os textos, retirados no princípio de seu ensino.

A título de contextualização acerca da escrita psicanalítica de casos clínicos, utilizamos o livro *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica*. Nele, Dunker analisa de maneira arqueológica as práticas de cura, a psicoterapia e o tratamento. Nos restringimos ao capítulo *Construção do Caso Clínico*, tendo em vista nosso tema de pesquisa.

Também abordamos o livro *Retorno do Homem dos Lobos*. Publicado no centenário do caso, em 2018, o livro conta com uma série de artigos a respeito das discussões acerca do Homem dos Lobos ao longo da história. Por ele, pudemos nos localizar acerca das polêmicas diagnósticas e refletir sobre a técnica analítica. Além disso, o livro também nos ajudou a refletir sobre a justificativa desta pesquisa, ao nos perguntar os motivos de retorno que pesquisadores e psicanalistas fazem ao caso.

Em relação ao material histórico, contamos com a leitura de Peter Gay, biógrafo de Freud. No livro *Freud: uma vida para nosso tempo*, recortamos o trecho que envolve a publicação e escrita do caso. Por meio dele, tivemos acesso às motivações políticas e pessoais para a publicação do texto, contextualizando, portanto, alguns pontos acerca do tratamento. Em seguida, nos lançamos na leitura do *Gritos do Homem dos Lobos*, do psicanalista inglês Patrick Mahony. Selecionamos os artigos que versavam sobre a escrita do caso. Este texto serviu de auxílio pela análise que faz da forma com que Freud narra o tratamento. Ou seja, para além do conteúdo apresentado, o estilo e a estética do texto também são levados em conta. Algumas de suas interpretações se mostraram exageradas e, em certo sentido, selvagens. Optamos por não incluí-las, visto que não agregaria na escrita da pesquisa.

Também analisamos o artigo de Marcus André Vieira, *Homem dos Lobos: A Atualidade dos Casos Clínicos Freudianos*. Nela, encontramos novos recursos para sustentar a justificativa do tema de pesquisa. Ao retomar as definições a respeito dos clássicos, o autor realiza uma aproximação entre o texto de Freud e a definição do escritor italiano Italo Calvino. Para ele, *História de uma análise infantil* é um clássico pois “nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (Calvino, 2005, p. 11).

Por fim, para além do material bibliográfico/textual, frequentei o curso *Casos Clínicos de Freud*, realizado pelo psicanalista Douglas Barros entre os dias 15/08/2025 até 28/11/2024, totalizando 30 horas. Dele, fizemos um balanço dos casos - movimento pendular que teve início com o Caso Dora e foi até o Homem dos Lobos, podendo retornar e avaliar os progressos da teoria e da técnica psicanalítica presentes na escrita freudiana.

### 3. O QUE É UM CASO CLÍNICO?

Antes de entrarmos propriamente no objetivo específico da pesquisa, faremos uma rápida apresentação a respeito do que é um caso clínico e qual sua função dentro do campo psicanalítico. Esperamos, com isso, iluminar algumas questões acerca da escrita do caso do Homem dos Lobos.

Podemos dizer que os casos aglutinam questões essenciais para psicanálise. A eficácia, o método e o diálogo com outros campos do saber, são pontos-chaves transmitidos pela apresentação dos casos clínicos (Dunker, 2021). A fim de encontrar os elementos constantes e fundamentais presentes no caso clínico, Dunker faz um estudo de sua história e surgimento. De início, a própria palavra *caso* é analisada. Em sua etimologia, temos no latim *casu* e no grego *ptosis*. Ambas as palavras remetem a ideia muito pragmática de *queda*, ou então ao *ato de cair*. Na língua latina, o termo também era associado quando acontecia uma desgraça ou desventura. No grego, sintoma (*sympton*) é derivado de *syn* e *ptosis*. Seu uso remete àquilo que se destaca e que é notável em uma doença (Dunker, 2021). Por essa razão, “o caso é o campo delimitado pela experiência de mal-estar, de sofrimento ou de sintomas, no sentido de uma história de encontros e ocorrências que se apresentam pela concorrência de acasos e ações controladas” (Dunker, 2021, p. 442).

Em seguida, nos deparamos com a presença dos diferentes usos do caso em determinados campos de saber. Existe, por exemplo, acepções do termo no universo linguístico, jurídico e médico. O que permanece em ambos os usos, de maneira genérica, diz respeito à relação da inclusão em categorias: “o gênero e a espécie, a ocorrência e a lei, o elemento e o conjunto, o caso e a regra, a manifestação e o tipo a que ela pertence” (Dunker, 2021, p. 443). A forma como essas inclusões serão feitas, é o que se definirá como método de classificação.

Inicialmente, Freud preservava um tipo de classificação em que se privilegiava a etiologia, ou seja, um estudo das causas (Dunker, 2021). São várias as influências do psicanalista que justificam esse método. Havia na ciência da época, desenvolvida e aplicada pelos mestres de Freud, um ideal de pureza metodológica e descritiva. Por essa razão, Dunker (2021) destaca um método dos tipos, presentes na escrita de Freud no início de sua obra. Para o pesquisador, “o método dos tipos estava originalmente baseado na descrição de um tipo puro, que torna visível os mecanismos e permite formular leis atinentes a todos os membros da classe a que pertence” (Dunker, 2021, p. 443).

Entretanto, Freud percebe rapidamente que este método apresenta complicações em relação aos tipos de neuroses de defesa e sua dificuldade em classificá-los. Resumidamente, o

que era observado na clínica divergia de suas generalizações. Nesse sentido, “é, sobretudo, na esteira do fracasso na aplicação do método dos tipos que a construção de casos clínicos se desenvolveu na escrita freudiana” (Dunker, 2021, p. 444).

A ideia do desenvolvimento advindo do fracasso do modelo anterior, também será útil para pensar na própria inserção dos casos clínicos dentro do movimento psicanalítico. Muitos dos casos escritos por Freud trazem a noção do fracasso. O próprio Homem dos Lobos pode ser visto como um paciente crônico, visto o extenso período de tratamento que passou. Porém, ao contrário de buscar as generalizações, como no método dos tipos, “a construção de um caso deve sempre ser também a crítica do dispositivo psicanalítico, a dialetização do regime de verdade que nele se pressupõe” (Dunker, 2021, p. 446). Por essa percepção, a construção do caso clínico em psicanálise se distancia do modelo médico descritivista, tão em voga nos manuais diagnósticos estatísticos nos dias de hoje.

Ao contrário de prescrições técnicas e relatórios procedimentais, os casos clínicos apresentam outro tipo de compromisso com sua transmissão. Com fortes influências literárias, tenta-se reproduzir “o mesmo regime de eficácia linguística pelo qual se julga um tratamento psicanalítico, a saber, o assentimento entre as partes” (Dunker, 2021, p. 443). Enfatizamos novamente a importância de não circunscrever o caso clínico como um manual a ser seguido e aplicado. Mais adiante, veremos a escrita de dois psicanalistas (Freud e Brunswick<sup>1</sup>) que atenderam o mesmo paciente (Serguei Pankejeff) e que apresentam intervenções e diagnósticos muito distintos. Por hora, destacamos apenas o caráter autônomo que se apresenta na escrita e no método clínico de ambos.

Em Freud, encontramos uma busca de articulação entre escrita e verdade que se apresenta conforme os casos são transmitidos e narrados. Não à toa, seu estilo foi amplamente associado ao gênero literário do romance. Vejamos alguns elementos que caracterizam a narração e que podem nos auxiliar na compreensão desse imbricamento. São eles: “transformação criativa entre memória e história, valorização do lado épico da verdade, inerência a uma tradição oral, recusa da soberania da informação, economia de explicações, fala autoral que se elabora em seu próprio processo e apropriação coletiva de uma experiência” (Dunker, 2021, p. 464).

---

<sup>1</sup> Ruth Mack Brunswick nasceu em Chicago, 17 de fevereiro de 1897, filha única de uma rica família judaica. Formou-se em medicina e se especializou em psiquiatria. Fez análise com Freud e depois se tornou sua discípula. Recebia dele pacientes e tinham forte interlocução sobre a pesquisa psicanalítica. Recebeu o anel concedido inicialmente aos membros do Comitê Secreto. Foi membro da Sociedade Psicanalítica de Nova York.

Podemos dizer que a grande maioria deles estão presentes em *História de uma análise infantil*. Preocupações acerca da verdade e da fantasia a respeito da cena primária. O recorte feito sobre o período infantil da doença. O diálogo com o leitor. A solicitação de paciência e o convite a suspender o julgamento até o momento da conclusão. Esses são alguns dos pontos em que a experiência psicanalítica se aproxima da transmissão cultural da narração.

Por esse motivo, temos que “a noção de caso clínico é inerente a um sistema de transmissão” (Dunker, 2021, p. 465). Esse sistema é similar à noção de discurso. Seu funcionamento é regulado e legislado por leis específicas, instituídas e reiteradas por aqueles que a praticam. Os saberes da medicina, direito, psicanálise, filosofia, ciência, letras e etc., compreendem a noção de discursividade apresentada acima, cada qual a sua maneira. Por isso que, anteriormente, enfatizamos a distinção entre o uso do *caso* em diferentes contextos, principalmente em relação ao saber médico.

O aspecto literário emerge como característica do caso clínico freudiano por diversas razões de sua escrita (Dunker, 2021). Antes de nos aproximarmos desse aspecto, apontamos uma ressalva acerca de sua acepção. Intentamos com isso distinguir o que foi útil do que foi improdutivo com esse recurso.

O romance policial foi um gênero que se desenvolveu concomitantemente à escrita dos casos clínicos em psicanálise. As analogias entre os personagens clássicos desses romances e a forma em que a narrativa se desenvolve, apresenta semelhanças com o material clínico transmitido (Mezan, 1998). Entretanto, também se objetou (Spence, 1992), com o passar do tempo, sobre a estagnação deste recurso estilístico na transmissão psicanalítica. Seu emprego passou a ser uma fórmula pronta que se desgastou, tal qual uma piada contada repetidamente. Para evitar com que isso aconteça, não se trata da solução do crime, em que todas as peças se encaixam; “o caso clínico deve tocar algo de real em nossa existência: a relação entre a lei, a morte e o desejo” (Dunker, 2021, p. 467). A *História de uma neurose infantil* está aí para nos lembrar disso.

Avançaremos um pouco mais sobre a reflexão da escrita dos casos clínicos na psicanálise apenas para salientar um último ponto. Veremos aqui, de maneira breve, como essa transmissão era entendida por Lacan e quais suas diferenças em relação à Freud. Isso nos ajudará, futuramente, a entender a leitura que o psicanalista francês fará do Homem dos Lobos.

Ao contrário da preocupação com o aspecto narrativo, Lacan está interessado na estrutura do caso. No texto que apresenta seus *Escritos, A Carta Roubada*, temos uma análise do conto policial de Edgar Allan Poe já pelo método estrutural. Nele, Lacan destaca as

determinações dos personagens em relação ao lugar que assumem perante a carta e as alternâncias que ocorrem de acordo com a passagem das cenas. É por esse mesmo método que ele irá analisar os grandes casos freudianos, como o Homem dos Lobos. “A escrita do caso seria então a escrita da *lógica do caso*, ou seja, uma montagem possível de sua estrutura e consequente formalização” (Dunker, 2021, p. 468).

Retomando a noção de queda na etimologia da palavra *caso*, Dunker acrescenta a diferença entre a escrita e o tratamento analítico. A primeira seria como a decantação da segunda. Nela, os analistas descobriram uma forma de inventar o que no tratamento “não encontrou inscrição, tempo e representação” (Dunker, 2021, p. 468). Com isso, podemos nos perguntar quais foram as construções de Freud ao escrever sobre o Homem dos Lobos. Além disso, Dunker (2021) nos lembra dos riscos de transformar o analisante em um caso clínico, identificação que o próprio Serguei Pankejeff sofreu.

#### 4. DOS ANTECEDENTES DO TRATAMENTO COM FREUD

Neste capítulo iremos nos debruçar sobre os antecedentes do tratamento do Homem dos Lobos com Freud. Ou seja, o contexto em que se iniciou o atendimento e qual era a conjuntura naquele momento, tanto do paciente, quanto do psicanalista.

Peter Gay (2012), historiador e biógrafo de Freud, localiza no texto *História de uma análise infantil* motivações políticas para a publicação dentro do movimento psicanalítico. Um dos interesses iniciais de Freud em atender Sergei Pankejeff, posteriormente conhecido como o Homem dos Lobos, residia numa certa disputa com outros dois médicos de sua época. Ao procurar o psicanalista, Pankejeff mencionou ter passado por Kraepelin e Ziehen, dois psiquiatras renomados na época e que eram críticos à teoria psicanalítica como tratamento das doenças mentais. Ambos desistiram de tratá-lo, o que possivelmente reforçou um desejo de Freud no caso (Gay, 2012).

Além disso, a escrita do Homem dos Lobos pode ser lida como um complemento da publicação de *História do Movimento Psicanalítico* (Freud, 2021). O texto original de *História de uma neurose infantil* foi redigido no inverno dos anos 1914 até meados de 1915. Contudo, pelo advento da Primeira Guerra Mundial o documento só pôde ser publicado em 1918. Nessa interlocução se destaca o caráter pessoal, político e teórico de Freud a respeito das divergências com Jung e Adler. Existe uma preocupação com as interpretações da teoria psicanalítica pelas ideias de ambos os autores (Gay, 2012). Esses conflitos retornarão no caso, como veremos adiante. Por hora, indicamos que, de maneira geral, diziam respeito à etiologia das neuroses e sua articulação com a sexualidade infantil, tal como Freud enfatiza no título do texto.

Freud enxergava no caso um resumo do trabalho que vinha construindo a respeito da neurose e sua relação com as teorias sexuais infantis. Assim como no caso Dora, o Homem dos Lobos também fornece “a chave para sua neurose sob a forma de um sonho” (Gay, 2012, p. 295). O papel da análise dos sonhos se mostrou fundamental para desvendar e tratar o sofrimento do paciente. Não à toa, seu apelido veio justamente do sonho narrado ao médico durante seu tratamento.

Apesar de atendê-lo já com a idade adulta, Freud opta por circunscrever sua análise apenas ao aspecto infantil da neurose. A justificativa dessa escolha está no caráter instrutivo do método (Freud, 2021). Podemos ver aqui uma preocupação acerca da formação e transmissão da psicanálise. Para ele, o estudo das neuroses infantis “mostra a participação extraordinária das tão negadas forças pulsionais libidinais na configuração da neurose” (Freud, 2021, p. 634). Porém, podemos nos perguntar se essa restrição do objeto de análise,

para além do caráter instrutivo, também não foi uma maneira de se abster da dificuldade diagnóstica em relação à vida adulta do paciente.

A respeito das doenças posteriores, sabemos apenas que o paciente passou por diversos sanatórios e diagnósticos psiquiátricos. Como veremos posteriormente, a querela diagnóstica em torno do caso rendeu rios de tinta no movimento psicanalítico. Aqui já é possível ver que essa discordância estava presente desde os antecedentes de sua análise. O Homem dos Lobos foi diagnosticado como maníaco-depressivo pela “mais competente autoridade” (Freud, 2021, p. 632). Contudo, Freud discorda dessa leitura. No seu entendimento, o caso se inicia com uma neurose fóbica atrelada aos lobos na infância, apresenta sintomas histéricos de conversão e se desdobra em neurose obsessiva com forte caráter religioso (Freud, 2021).

A neurose infantil do paciente permanece aproximadamente até seus dez anos de idade. Depois disso, o paciente vive anos saudáveis e regulares na escola até completar 18 anos e adoecer devido a uma infecção gonorreica. Após a infecção, passa a apresentar uma inaptidão para a vida, além de grande dependência de cuidados até encontrar o tratamento psicanalítico em Viena (Freud, 2021).

## 5. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Destaca-se no caso dois fatores dignos de atenção: a duração do tratamento e a gravidade da doença (Freud, 2021). Ao contrário de recuar frente a essas dificuldades, Freud discorre sobre os avanços que é possível obter com esses casos. No trabalho com análises complexas e extensas, o analista é advertido a não se precipitar em direção à cura, mas se comportar de modo atemporal, assim como no funcionamento inconsciente. Veremos que o manejo do tempo e da transferência foram fundamentais para Freud progredir na direção do tratamento.

Por muito tempo o Homem dos Lobos se manteve apático ao curso da análise, ainda que a compreendia de maneira intelectual. Seu pensamento consciente se mostrava apartado das forças pulsionais que o acometiam. A dependência do paciente com a doença e com o analista era tão excessiva que, qualquer indício de independência e autonomia o faziam recuar aos desconfortos de seus sintomas (Freud, 2021). Para superar a situação, Freud realizou uma manobra estratégica levando em conta a transferência presente na relação. Foi estipulado um prazo para o fim da análise.

Em termos de progresso, após a determinação do prazo as resistências cederam e Freud pôde, finalmente, interpretar as inibições do paciente. Foi somente pelo fim previamente antecipado que se pôde compreender a neurose infantil do Homem dos Lobos (Freud, 2021). Entretanto, essa manobra não foi sem consequências. Futuramente, Serguei retorna ao consultório da Berggasse 19 e solicita atendimento psicanalítico. Freud o encaminha para Ruth Mack Brunswick que irá apontar, nesse novo tratamento, restos transferenciais não analisados por Freud (Brunswick, 2023).

Antes de passarmos para os meandros do caso, destacamos uma ressalva de Freud que nos mostra uma contribuição importante para a escrita clínica no geral. Trata-se da descrição fiel daquilo que se apresenta durante a análise. Mais no sentido de uma suspensão dos julgamentos que numa tecnicidade do estilo. Ou seja, uma posição ética de abertura ao material clínico que se destaca frente às interpretações e conclusões teóricas.

## **6. O TRATAMENTO NA BERGGASSE 19**

### **6.1 Panorama geral**

Ao chegar ao consultório de Freud, o Homem dos Lobos conta sua história de vida. Por meio desse relato, temos acesso ao panorama de sua infância e dos personagens com quem se relacionava. Vindo de uma família russa aristocrata, seu núcleo familiar era composto pelo pai (desde cedo enfermo e com o diagnóstico de maníaco-depressivo), a mãe e a irmã dois anos mais velha. Nos cuidados do menino estava encarregada a babá e uma governanta inglesa (Nânia), que serão cruciais para investigação de seu adoecimento infantil.

Em relação a residência, ambos moravam em uma propriedade rural. Quando nos primeiros anos os pais precisaram se ausentar em um viagem, contrataram os serviços da governanta. Nesta época, o menino apresentava um comportamento calmo e pacífico. Quando os pais voltaram, perceberam o garoto em um estado irritadiço e violento. Por conta de algumas desavenças e pela tendência da governanta ao alcoolismo, a mãe supôs que essa mudança de comportamento estivesse atrelada à figura da inglesa (Freud, 2021).

Ainda no período de sua infância, o paciente narra outros dois comportamentos relacionados a sua conduta. De maneira supostamente contraditória, o garoto perseguia e obtinha prazer em maltratar animais, ao mesmo tempo em que tinha com eles medo e pavor. Além disso, é relatado uma série de comportamentos obsessivos a respeito de pensamentos que lhe surgiam na mente. O rapaz nutria uma devoção religiosa e sempre que estava praticando alguma oração, era assaltado por ideias de sacrilégio (Freud, 2021).

Deste terreno, Freud lançou as questões norteadoras que guiaram sua reflexão acerca da análise do caso. Por que ocorreu uma mudança de caráter no menino? O que significava sua perversão e fobia com os animais? Como surgiu sua devoção compulsiva? Como isso tudo se relacionava? Veremos que as respostas encontradas não deixaram de inquietar Freud que soube muito bem, suspender suas certezas e relançar outras perguntas.

### **6.2 Sobre a mudança de caráter e a hipótese da sedução**

Na tentativa de responder à alteração no caráter, cogitou-se a possibilidade da figura de Nânia, a governanta inglesa, como primeira responsável. Existem duas lembranças encobridoras discutidas durante o tratamento que remeteram à personagem da cuidadora. Essas lembranças poderiam estar relacionadas à castração e por isso explicariam o comportamento anormal do garoto (Freud, 2021). Ao construir possíveis interpretações para

estas memórias, o psicanalista reconhece que se tratavam de possíveis fantasias elaboradas no período da puberdade e que, portanto, não diziam respeito à cena infantil investigada.

De maneira espontânea e repentina, a lembrança da irmã acometeu o Homem dos Lobos. Nela, o menino teria sido seduzido pela irmã às práticas sexuais, que o masturbara no banheiro da primeira morada. Durante esse episódio, a menina justifica sua ação remetendo a um episódio em que observou Nânia agindo dessa forma com outros homens. Com isso, Freud compreendeu o resquício da figura da inglesa presente na fantasia da puberdade. Em sua interpretação, ela seria uma tentativa de encobrir um constrangimento sentido posteriormente pelo rapaz. Segundo Freud, “elas deviam apagar a lembrança de um processo que mais tarde a autoestima masculina do paciente considerou chocante, e atingiram essa meta colocando um oposto de desejo no lugar da verdade histórica” (Freud, 2021, p. 645).

A partir desse mecanismo da fantasia, Freud faz um paralelo às lendas contadas acerca da civilização. Em seu entendimento, estas servem como uma tentativa de transformar uma memória inicialmente constrangedora e violenta em uma história de grandeza. Assim aconteceu com o Homem dos Lobos. Ao invés de se ver representado num papel passivo como fora assujeitado na cena da sedução, mostrou-se agressivo e com ataques de raiva (Freud, 2021). A sedução da irmã, portanto, seria um elemento chave na mudança de caráter daquele período.

Acerca da irmã, Freud destacou a importância que ela desempenhou em relação à escolha de objeto de seu paciente. Na história de vida do garoto, ela sempre esteve intelectualmente à frente, segundo os olhos do pai. Por essa razão, a relação entre os dois na infância foi marcada por hostilidade e disputa. Já na puberdade, quando haviam se aproximado, o rapaz tentou uma investida sexual contra ela, que o rejeitou no mesmo instante (Freud, 2021).

Com esse relato, Freud pensa nas futuras escolhas objetais do Homem dos Lobos. Segundo o psicanalista, as mulheres que seu paciente desejava tinham como característica comuns serem servis e por essa razão, intelectualmente inferiores à ele. Além disso, encontrava-se um forte componente sádico nesses relacionamentos. Em sua hipótese, isso deriva de uma “tendência a degradar a irmã, a eliminar sua superioridade intelectual, que outrora tanto o oprimira” (Freud, 2021, p. 648). Veremos futuramente outros elementos que contribuíram para escolha objetal do paciente, para além da relação com a irmã. A cena primordial, por exemplo, ocupa um ponto essencial neste aspecto.

Em seguida, Freud traz as ideias de Adler para refletir acerca da conduta sexual. Sobre este tópico, passaremos brevemente, apenas com intuito de situar o leitor, tendo em

vista que essa discussão foge ao nosso escopo de pesquisa. Freud aponta sua discordância com o psicólogo a respeito da influência da vontade de poder e de uma suposta pulsão de auto afirmação para explicar a teoria da sexualidade (Freud, 2021). Vale lembrar que o caso escrito em 1914, tinha como uma de suas intenções demarcar suas divergências com as teorias de Adler e Jung. Por isso, apesar de popularmente reconhecido como o Caso do Homem dos Lobos, o título oficial do artigo é: *Da história de uma neurose infantil*. A ênfase no elemento infantil e no caráter histórico da frase, pode ser lida como uma tentativa de esclarecer como a teoria psicanalítica (já em disputa naquela época) entende as neuroses.

A cena da sedução ocorreu quando o menino tinha três anos e três meses, durante a primavera. Na época, já havia por parte do rapaz um sentimento de hostilidade com a irmã advinda da disputa do amor paterno (Freud, 2021). Por essa hipótese, o repúdio do garoto às investidas da irmã dizia respeito à pessoa dela, e não ao ato em si (Freud, 2021).

Quanto ao aspecto sexual do ato, entramos em contato com noções centrais para psicanálise: a sexualidade infantil e, como veremos, a castração. Ao se masturbar na frente de sua governanta inglesa esta o ameaça dizendo que, se fizesse isso, ficaria com uma ferida no local. A partir desse enunciado, somos levados ao campo da castração. Freud constrói uma espécie de cartografia para sexualidade de seu paciente. Nesse mapeamento, o início das investigações sexuais do Homem dos Lobos foram marcadas pelo problema da castração.

Com isso em mente, Freud finalmente chega ao fim da explicação para o enigma da alteração do caráter do Homem dos Lobos. Após a repressão da governanta acerca de sua masturbação, o garoto regressou a um estado anterior de seu desenvolvimento sexual. Portanto, “a vida sexual que começou sob a regência da zona genital sucumbiu a uma inibição externa e, influenciada por esta, foi remetida a uma fase anterior de organização pré-genital” (Freud, 2021, p. 652). Essa fase anterior é de caráter sádico-anal, responsável pelos ataques de raiva e comportamentos agressivos. Daí, explica-se sua satisfação em provocar de maneira sádica Nânia. Ao mesmo tempo que se vingava da repressão sofrida, satisfazia-se de acordo com a fase regredida.

Articulada a satisfação sádica, também havia o componente masoquista. O comportamento irritadiço do menino, causava em seu pai acessos de raiva, que por sua vez, reagia com agressão contra o filho. Dessa relação, podemos extrair alguns elementos acerca das identificações e das relações objetais, inclusive articulados à formação do eu no estágio narcísico. Vale lembrar que foi no ano de 1914 que o texto *Introdução ao Narcisismo* foi publicado, mesmo ano em que Freud escrevia sua história clínica e encerrava o tratamento com o Homem dos Lobos.

Após rastrear e mapear as escolhas libidinais de seu paciente, Freud indica um deslocamento libidinal do objeto sexual do garoto. Ao abandonar Nânia, passou a investir sexualmente em seu pai. É interessante observar como Freud tenta explicar esse deslocamento. Os elementos do narcisismo são evocados para dar sustentação à ideia de uma renovação do objeto investido e que posteriormente se consumou pela via da identificação. Estamos falando da figura paterna que em tempos passados, havia sido tomada como modelo da criança. Esse objeto que outrora provinha de uma corrente ativa de investimento, naquele momento se expressava por uma passividade provinda da fase sádico-anal. De acordo com Freud, “a transformação da posição ativa em passiva era o resultado e o indício da sedução ocorrida naquele meio-tempo” (Freud, 2021, p. 654).

Com isso, tivemos uma transformação também nas formas de satisfação que o menino obtinha. Se com a governanta obtinha prazer em martirizar-la de maneira sádica, com o pai obtinha o prazer pela via do masoquismo enquanto era espancado (Freud, 2021). Além disso, também era possível enxergar uma satisfação na punição em relação ao sentimento de culpa provindo de seu onanismo. Seus acessos de raiva, portanto, passaram a ser interpretados como sedução para as investidas do pai. “Comportando-se assim, de modo tão indomável, a criança faz uma confissão e quer provocar uma punição. No castigo, ela busca, ao mesmo tempo, acalmar sua consciência de culpa e satisfazer sua aspiração sexual masoquista” (Freud, 2021, p. 655).

Por fim, Freud encerra esta parte do caso e apresenta os caminhos seguintes que irá trilhar. Uma divisão é feita a partir das manifestações sintomáticas do seu paciente. Até este momento, nos detivemos na mudança de caráter do menino, compreendida durante a idade dos três anos e três meses até os quatro anos. A partir daqui, Freud faz a marcação do famoso sonho relatado e que data o início dos pensamentos fóbicos e obsessivos, condensando os sinais da neurose.

### **6.3 O sonho com os lobos e a cena primordial, realidade ou fantasia?**

Neste item, iremos analisar o sonho do Homem dos Lobos e a relação com a cena primordial - trata-se da observação do intercurso dos pais na idade de um ano e meio da criança - que será desdobrada posteriormente. Para isso, iremos reproduzir o relato e depois seguir as perguntas e interpretações feitas por Freud. Veremos como a sobredeterminação inconsciente atua em relação ao sonho pelas diversas associações que o paciente faz na tentativa de interpretar seu conteúdo.

*“Sonhei que é noite, e estou deitado em minha cama, (minha cama ficava com os pés voltados para a janela, diante da janela havia uma fileira de velhas nogueiras. Sei que era inverno quando sonhei e que era de noite). De repente, a janela abre-se sozinha e vejo com grande pavor que, na grande nogueira defronte à janela, estão sentados alguns lobos brancos e pareciam mais com raposas ou cães pastores, pois tinham grandes rabos como raposas, e suas orelhas estavam de pé como as de cães quando estão de guarda. Com grande medo, evidentemente, de ser devorado pelos lobos, dei um grito e acordei. Minha babá correu até minha cama para verificar o que ocorrera comigo. Levou um bom tempo até eu me convencer de que fora apenas um sonho, de tão natural e nítida que me parecera a imagem, a maneira como a janela se abre e como os lobos estão sentados na árvore. Por fim me acalmei, sentia-me como se tivesse escapado de um perigo e voltei a adormecer.”* (Freud, 2021, p. 656).

Inicialmente, Freud nos traz uma associação que o rapaz fez desse sonho com um episódio de sua infância. Nele, a irmã o atormentava com um livro de contos de fada que continha a imagem de um lobo e que lhe causava medo. Tratava-se de uma posição ereta ocupada pelo animal, com orelhas em pé e as patas estendidas. Segundo ele, a imagem remetia ao livro da Chapeuzinho Vermelho (Freud, 2021).

Freud pergunta o motivo da cor branca dos animais. A resposta que obtém surge de uma associação com um rebanho de ovelhas que o Homem dos Lobos visitava com seu pai quando mais novo. Esse passeio lhe causava muita alegria e satisfação, contudo, por conta da peste o grupo acabou sendo dizimado (Freud, 2021).

A próxima pergunta diz respeito a como os lobos subiram na árvore. Como resposta, o paciente recorda uma história contada pelo avô sobre um alfaiate que cortara o rabo de um lobo e que ao reencontrá-lo na floresta com sua alcateia, foge e sobe em cima de uma árvore. De maneira fantasiosa, o lobo com o rabo cortado propõe um plano de escalarem um em cima do outro até alcançarem o homem. Contudo, quando os lobos já estavam montados, o alfaiate grita para pegar o de cinza (que havia sido mutilado) pelo rabo. Ao lembrar da ausência de seu membro, este se apavora e derruba com ele todos os outros animais. Por ter se considerado experiente, optou por ficar na base da construção (Freud, 2021).

A outra pergunta feita por Freud diz respeito ao número de lobos presentes no sonho. Por que seis ou sete? Apesar de inicialmente encontrar dificuldade para responder, seu paciente por fim se recorda da história do *Lobo e dos Sete Cabritinhos*. Nela, apesar de serem

sete cabritinhos, apenas seis são devorados pelo lobo. Além disso, também há uma correlação com a cor branca, pois na história o lobo se embranquece para enganar os filhotes e assim devorá-los (Freud, 2021).

Este teria sido o primeiro sonho de angústia de seu paciente. Além disso, os dois contos infantis, *Chapeuzinho Vermelho* e *O lobo e os sete cabritinhos*, produziram na criança uma fobia aos lobos. Ao se interrogar a respeito dessa angústia, Freud infere ser a figura do lobo uma primeira substituição da figura do pai (Freud, 2021). O medo da figura paterna seria um dos principais motivos para o adoecimento. Cabe destacar, que toda essa antecipação da análise do sonho, só foi possível durante um longo tratamento. Apenas nos últimos meses, por um trabalho do próprio paciente, pôde-se entender melhor a causa de sua neurose articulada ao relato do material onírico.

Em seguida, Freud apresenta como os mecanismos do sonho operam e como é possível trabalhar com eles. Aqui, podemos pensar no caráter instrutivo da escrita do caso em relação ao aspecto da técnica e da cura psicanalítica. A interpretação dos sonhos é a via régia para o inconsciente. Nesse percurso, Freud nos oferece as bússolas e ferramentas para prosseguirmos. Os elementos de condensação, deslocamento, oposição e os restos diurnos serão essenciais para seguir com a análise de seu paciente.

Por meio do próprio destaque do Homem dos Lobos, dois elementos chamaram sua atenção. A imobilidade da cena (tanto os lobos quanto o menino se encontram estáticos) e a atenção com que os animais o encaravam. O outro aspecto diz respeito à realidade experienciada no sonho.

Sobre esse último, discorre-se sobre sua oposição como fantasia, manifesta e latente no sonho. Em comparação à lembrança dos contos levantados no tratamento, Freud afirma que “o sonho parecia apontar para um evento cuja realidade é bastante enfatizada em oposição à irrealidade dos contos de fada” (Freud, 2021, p. 661). Com isso, intui uma possível cena que seu paciente presenciou e que por meio do sonho, tentava elaborar.

Aqui, Freud nos atenta aos dois elementos destacados por seu paciente. Segundo ele, ambos serviram de pistas para seguir o entendimento a respeito da cena. Contudo, segue advertido quanto a possíveis mecanismos de alteração presentes no sonho, sendo um deles a oposição (Freud, 2021).

Nesse ponto, Freud retoma o material fornecido pelo sonho e por sua análise. Com isso, elegeu alguns significantes que surgiram e como eles poderiam auxiliar na construção de uma hipótese para a cena investigada. Os fragmentos escolhidos foram: “*Um evento real - de*

*tempo muito antigo - olhar - imobilidade - problemas sexuais - castração - o pai - algo terrível*” (Freud, 2021, p. 662).

Com isso, Freud retoma a investigação nos pontos destacados acima. É possível pensar num mecanismo de transformação do sonho pela via da reversão/oposição. Assim, onde havia uma imutabilidade dos lobos poderíamos supor uma intensa movimentação. De maneira correlata, a atenção fixa dos animais em sua imagem poderia ser expressa num olhar atento do garoto dirigido a algo. Assim, por oposição, teríamos um deslocamento dos termos entre passivo e ativo, objeto e sujeito, ser olhado e olhar, imutabilidade e movimentação (Freud, 2021).

Seguindo na análise, Freud levanta alguns elementos importantes acerca do recalque e da sexualidade presentes no sonho. Chegou-se a compreensão de que a árvore presente em que os lobos se encontravam era uma árvore de Natal. Com isso, já era possível determinar um marco temporal a respeito da época em que o sonho ocorreu. Tratava-se de dias antes de seu quarto aniversário, que acontecia no mesmo dia do nascimento de Cristo. Além disso, vemos aqui a importância da sexualidade e do desejo na compreensão do sonho. Segundo Freud, todo sonho é a realização de um desejo. Nesse caso, poderíamos supor um desejo de antecipação do natal e dos presentes que iria receber (Freud, 2021). Contudo, ao invés dos brinquedos, na árvore estavam os lobos.

Aqui, podemos nos perguntar qual o motivo da transformação da satisfação para o medo. Na hipótese de Freud, isso ocorreu por conta de um desejo mais intenso que o de receber presentes. Trata-se de uma satisfação sexual que desejava obter do pai (vale lembrar as satisfações masoquistas do garoto e suas fantasias de espancamento). Dessa forma, “a força desse desejo logrou renovar o vestígio mnêmico de uma cena desde muito tempo esquecida, que lhe podia mostrar como era a satisfação sexual passando pelo pai” (Freud, 2021, p. 664). O resultado foi de pavor e susto, que por sua vez, ocasionou o recalque da ideia anteriormente desejada.

A transformação de afeto mencionada acima, também se relaciona com o complexo de castração, em especial o medo de ser castrado. Somente isso, na hipótese de Freud, teria chance de dissuadir uma fantasia de desejo sexual (Freud, 2021).

Com isso, Freud finalmente expõe sua hipótese sobre a cena primária. Segundo ele, trata-se da observação, por parte do menino, de seus pais transando na posição *coitus a tergo* (Freud, 2021). Esclarecemos que a observação da cena, pela idade de um ano e meio, foi compreendida no momento do sonho, próximo ao seu aniversário de quatro anos. Assim,

temos o vislumbre de uma cena sexual que, somente após um desenvolvimento e uma investigação por parte do rapaz, pôde ser elaborada (Freud, 2021).

Neste ponto, Freud faz uma ressalva em relação a possíveis questionamentos que seu leitor pode estar fazendo. Trata-se do questionamento da veracidade do material exposto até o momento. Segundo ele, como poderia uma lembrança nessas condições tornar-se consciente? Como o material inicial ficou armazenado no inconsciente do rapaz e como posteriormente foi elaborado?

Como estamos seguindo o caminho trilhado por Freud em sua escrita de caso, iremos suspender essas dúvidas para posteriormente respondê-las, assim como ele o faz. Há aqui um apelo para uma crença provisória acerca da realidade da cena, ainda que depois ela seja revista. Com isso, ele prossegue analisando as articulações entre essa suposta cena primordial com os sonhos, sintomas e história de vida do Homem dos Lobos. Em paralelo, seguirá nos efeitos que o vislumbre da cena do coito provocou em sua percepção visual.

A respeito dessa última, Freud se refere a posição sexual dos pais no momento do sexo. Segundo ele, o homem na vertical e a mulher encurvada, foram associados à figura do lobo (Freud, 2021). Na descrição do rapaz acerca do animal, as orelhas em estado de alerta, a posição ereta e as garras estendidas, lembravam a figura do pai “durante a cena primordial construída” (Freud, 2021, p. 669). Segundo Freud, essa cena pode ser localizada como um ponto de partida para outros efeitos angustiantes na vida do menino.

Posteriormente em sua vida, outros professores assumiram o papel do pai e, conseqüentemente, causaram medo no rapaz. Veremos que Freud também não se isentou dessa identificação. Em um episódio no ginásio, por conta de uma infeliz coincidência do destino, o Homem dos Lobos começa a ter aula de latim com um homem chamado *Wolf*. Desde o início, o menino apresentou receio à ele. Contudo, o medo foi intensificado quando errou a tradução do vocábulo latim *filius* (*filho* em português). No caso, o menino traduziu para o francês ao invés de deslocá-lo para sua língua materna. Segundo o psicanalista, “é que o lobo continuava justamente sendo o pai” (Freud, 2021, p.670).

Na transferência, esse medo também compareceu. Freud nos conta de um comportamento do Homem dos Lobos que chamou sua atenção no início do tratamento mas somente depois pôde entender do que se tratava. Essa compreensão adveio com a fala do paciente a respeito de um relógio de caixa que Freud tinha em seu consultório. Segundo o rapaz, lembrava-o da história dos sete cabritinhos, em que para se salvar do lobo, o mais velho dos irmãos precisou se esconder dentro desse móvel. O comportamento de olhar

constantemente para trás, encarar Freud e depois voltar seus olhos ao relógio, era uma maneira de confirmar que não seria devorado por ele (Freud, 2021).

Retornando para a análise do sonho e a cena primordial, Freud irá esmiuçar a relação entre elas, a ponto de afirmar que na interpretação dos sonhos, todos os detalhes precisam ser esclarecidos. Aqui, ainda nos falta uma explicação que conecte a imagem da cena primordial com a história contada pelo avô a respeito do lobo com o rabo cortado. Segundo o material que apresentamos anteriormente, temos o seguinte quadro

“o sonho deveria mostrar à criança, que se alegra com a realização de seus desejos no natal, a imagem da satisfação sexual por intermédio do pai tal como ela tinha a tinha visto naquela cena primordial, como modelo da própria satisfação que anseia o pai. Porém, em vez dessa imagem, surge o material da história que o avô um pouco antes tinha contado: a árvore, os lobos, a ausência de rabo na forma supercompensada dos rabos espessos dos supostos lobos.” (Freud, 2021, p. 672).

Essa conexão é esclarecida pela posição que o lobo assume no relato da história. Quando encontra o alfaiate com sua alcateia, o lobo com o rabo cortado pede para os outros animais subirem nele (Freud, 2021).

Em síntese, para pensar no movimento do sonho e sua articulação entre as cenas e os pensamentos do Homem dos Lobos, temos os seguintes elementos. “A transformação do material: cena primordial - história do lobo - conto dos sete cabritinhos - é o reflexo do avanço do pensamento durante a formação do sonho: anseio por satisfação sexual através do pai - compreensão de que ela está condicionada à castração - medo do pai” (Freud, 2021, p. 673).

Esclarecido este primeiro sonho de angústia, Freud escreve brevemente - mas de maneira bastante condensada - a respeito do desenvolvimento sexual de seu paciente e como este se relaciona com a cena primordial.

Acerca da sexualidade da cena, iremos nos deter especificamente nos efeitos patogênicos que partiram dela. Nesse sentido, não se trata de apenas uma única corrente sexual, mas uma proliferação fragmentada de sua libido. Acerca da *ativação* da cena, Freud faz uma rápida observação sobre a escolha dessa palavra, ao invés de optar por *lembrança*, evitada neste momento, mas que adiante entenderemos o seu motivo ao discutirmos sobre fantasia e realidade.

Se nos determos no elemento da castração presente no sonho, podemos entender o desfecho do medo que este obteve. Além disso, é por ela que veremos operar um deslocamento regressivo em sua libido. Para isso, precisamos lembrar da cena da sedução e da relação que o garoto construiu com seu pai acerca de suas fantasias masoquistas de espancamento. O medo de ser devorado pelo lobo, surge a partir da transposição do desejo de ser copulado pelo pai e, conseqüentemente, obter a mesma satisfação que sua mãe obteve durante a cópula. Na hipótese de Freud, “sua última meta sexual, a posição passiva em relação ao pai, sucumbira a um recalçamento, e o medo do pai entrou em seu lugar na forma da fobia dos lobos” (Freud, 2021, p. 677).

Seguindo pela via da castração, nos debruçamos na força deste recalçamento operado durante o sonho. Sua condição adveio pelo interesse do garoto em manter seu órgão sexual, como renúncia à identificação da posição feminina/castrada da mãe. Nesse momento, Freud sustenta esse argumento pela noção narcísica de preservação. Segundo ele, “do narcisismo ameaçado ele extraiu a virilidade com a qual se defendeu da posição passiva em relação ao pai” (Freud, 2021, p. 677).

Isto posto, podemos entender como Freud destaca uma nova fase da organização sexual de seu paciente, a partir da ativação da cena primordial durante o sonho. Antes, o menino encontrava satisfação no binário ativo/passivo. Suas fantasias masoquistas passavam pelo espancamento de seu órgão sexual. Agora, após o sonho, entra em cena a organização genital. O entendimento dos órgãos sexuais - pênis e vagina - e suas associações, respectivamente, às posições ativa e passiva, o levava a conceber suas fantasias de espancamento como uma meta feminina em que seria copulado pelo pai. Daí, essa meta sucumbe ao recalçamento e é substituída pelo “medo de ser devorado pelo lobo” (Freud, 2021, p. 678).

#### **6.4 Digressões teóricas e tensões políticas: o terreno da infância em disputa**

Antes de discutirmos o comportamento obsessivo do Homem dos Lobos, vejamos com calma a digressão de Freud a respeito do material apresentado e sua repercussão no meio científico da época. A partir dele, encontramos elementos que nos orientaram na análise das contribuições da escrita clínica do caso.

Já apontamos alguns dos interesses de Freud com a publicação de seu texto. Também sabemos que a política não é dissociável da teoria. Freud defendeu suas ideias com a apresentação do caso ao mesmo tempo que criticou os dissidentes da psicanálise, como Jung e Adler, mencionados acima.

Passando brevemente por esse embate, encontramos uma defesa da influência do aspecto infantil no desenvolvimento das neuroses, por parte de Freud. Já seus opositores, estavam preocupados apenas nos conflitos manifestados na vida adulta. Se seguirmos os pensamentos desses autores, teríamos uma perda dos conteúdos e das particularidades da análise, que em geral se expressam quando analisamos os resquícios infantis (Freud, 2021). Como evidência, basta ver o relato apresentado até agora a respeito do Homem dos Lobos. Não à toa Freud faz questão de recortar este período do tratamento e de evidenciá-lo em seu título *Da História de uma Neurose Infantil*. De acordo com ele, “*a influência da infância já se faz sentir na situação inicial da formação da neurose, na medida em que ela determina decisivamente se e em que ponto o indivíduo fracassa no domínio da dos problemas reais da vida*” (Freud, 2021, p. 687)

Sobre a cena infantil, Freud também fez considerações a respeito de sua veracidade. Segundo ele, temos no tratamento três momentos em que a cena se manifesta. Inicialmente, há o momento em que a criança na idade de um ano e meio presencia e preserva em seu inconsciente a imagem dos pais na cama. Em um segundo momento, na idade dos quatro anos, há uma elaboração desse conteúdo por meio do sonho. Por fim, retorna-se novamente para este conteúdo em idade adulta, tornando-o consciente por meio da análise (Freud, 2021). É desse panorama, portanto, que Freud avança em sua discussão a respeito do infantil e sua relação com a fantasia neurótica.

Sobre isso, Freud é categórico ao descrever sua concepção acerca dessas cenas no tratamento das neuroses. Segundo ele, trata-se de “*formações da fantasia que extraem seu estímulo do período do amadurecimento, que são destinadas a uma representação, de certo modo simbólica, de desejos e interesses reais, e que devem seu surgimento a uma tendência regressiva, a um afastamento das tarefas do presente.*” (Freud, 2021, p. 681). Entretanto, apesar do tom descritivo, Freud reconhece na formulação seu desejo de racionalização e simplificação do fenômeno abordado. Diante disso, ele aproveita para advertir novos analistas sobre a condução do tratamento. O que comumente poderia ser visto com um desvio na análise, o regresso às fantasias infantis por parte do paciente se mostra uma via essencial para o tratamento do sofrimento e das questões que se enfrentam no presente. Segundo Freud, “*se não tornarmos o doente consciente dessas fantasias em toda sua amplitude, não será possível colocar à sua disposição o interesse a elas vinculado*” (Freud, 2021, p. 682).

Ainda sobre a concepção das cenas infantis, temos uma reflexão acerca da distinção entre lembranças e construções. Nas lembranças, temos seu surgimento a partir de momentos espontâneos e sem interferências por parte do analista. Elas também podem fazer parte da

fantasia e se apresentarem como encobridoras (Freud, 2021). Já nas construções, a qual Freud inclui a de seu paciente, temos um caráter participativo por parte do médico. Além disso, há nelas um caráter de reivindicação e importância para a história do caso que em geral precisam ser adivinhadas - construídas. Não à toa, Freud postula que essas construções das cenas infantis são essenciais para solução dos enigmas sintomáticos. É a partir dela que todos os raios se propagam e por onde todos os fios da análise se confluem (Freud, 2021).

### **6.5 E de repente, pensamentos obsessivos**

Neste item, analisaremos a passagem da neurose fóbica para sua manifestação obsessiva. Seus sintomas (como o sacrilégio e a reza excessiva) surgem na idade dos quatro anos e perduram até os dez. Porém, a transição entre as neuroses não deve ser lida a partir de uma linearidade. No desenvolvimento de sua infância, os sintomas e comportamentos reativos nunca desapareciam por completo, apenas variavam o grau conforme o tempo (Freud, 2021). Nesse aspecto, Freud pontua uma coexistência de ambas correntes no funcionamento psíquico de seu paciente. Destacamos aqui, uma atenção para esta coexistência, visto que por ela, alguns psicanalistas irão apontar a dificuldade diagnóstica do caso a partir das diferentes modalidades de recusa frente à castração<sup>2</sup>.

Feita essa ressalva, Freud nos fornece um panorama, para fins expositivos, da atual história infantil de seu paciente. Chamamos de atual, visto que neste momento, alguns elementos que serão apresentados posteriormente no texto não aparecem nesta cronologia. Além disso, se quisermos nos estender, seria possível fazer uma linha do tempo com novos materiais fornecidos a partir do trabalho de historiadores e psicanalistas que ainda se debruçaram no caso, como sua futura analista Ruth Mack Brunswick. Por hora, temos o seguinte percurso: “em primeiro lugar, a época anterior até a sedução (3 anos e 3 meses), na qual ocorreu a cena primordial; em segundo, a época da mudança de caráter até o sonho de angústia (4 anos); em terceiro, a da fobia de animais até a introdução da religião (4 anos e meio); e a partir daí a da neurose obsessiva até depois dos 10 anos.” (Freud, 2021, p. 695).

Ou seja, a partir da introdução da religião, Freud marca outra mudança de comportamento em seu paciente. A irritabilidade e os sintomas fóbicos só deram trégua quando a mãe introduziu a leitura bíblica para seu filho. Contudo, às custas desse silenciamento, presenciamos uma substituição do medo para o surgimento de ideias obsessivas (Freud, 2021).

---

<sup>2</sup> Discutiremos melhor essa passagem acerca da coexistência de diferentes correntes psíquicas em relação a castração no capítulo acerca da problemática diagnóstica.

Seu pensamento vinha do questionamento das figuras de Deus e de Cristo. Segundo ele, se Deus era todo poderoso e criador do Universo, logo, o sofrimento humano e o próprio inferno também eram criações divinas. Em linhas gerais, era esse tipo de indagação que o menino fazia. Mas, para além do caráter racionalista desses pensamentos, Freud localiza em uma de suas falas, traços das moções pulsionais que poderiam ajudar a decifrar esta intensa ruminação religiosa que o garoto apresentava. Uma delas diz respeito a sua dúvida se Cristo possuía um traseiro (Freud, 2021).

Para explicar este fragmento, Freud comenta acerca da sexualidade infantil de seu paciente. Naquele momento, o rapaz se encontrava num estágio pré genital. Devido a repressão sofrida por Nânia quando tentou investi-la sexualmente, o menino regrediu a esse estágio anterior em direção ao sadismo e masoquismo. Nelas, o rapaz se identificava com a figura do pai ao mesmo tempo que a tomava como objeto, respectivamente. Por essa razão, a história bíblica serviu de recurso para sublimação de sua posição masoquista frente ao pai (Freud, 2021). Nesse sentido, o menino se identificou com Cristo, vale lembrar que ambos faziam aniversário no mesmo dia. Portanto, o interesse do rapaz pelo traseiro do filho de Deus evidencia a posição homossexual recalcada assumida perante ao pai. Nela, há um desejo de assumir a posição da mãe em relação a cena primordial (Freud, 2021).

Sua postura com Deus se expressa de maneira complexa, assim como a relação com seu pai. Freud aponta que a energia para combater Deus e a perspicácia crítica à religião tinham origem em seu amor pelo pai. Assim, podemos lembrar que para além do amor à figura paterna, também existia medo e angústia. É por essa razão que “as duas moções de sentimento opostas que deveriam reger toda sua vida futura aqui se encontravam na luta de ambivalência em torno do tema da religião.” (Freud, 2021, p. 701). Delas, surgiram suas ideias obsessivas como *Deus-porcaria*, *Deus-porco*.

Em seguida, Freud destrincha outro sintoma apresentado pelo paciente naquela época. Tratava-se de uma constante expiração que o rapaz fazia quando se deparava com mendigos, pessoas vulneráveis e doentes. Esse estranho comportamento, tinha origem na vez que o rapaz foi levado pela mãe para o sanatório em que seu pai estava internado. Lembramos aqui que o pai já tinha recebido o diagnóstico de maníaco-depressivo e que por essa razão, passava longos períodos ausentes em tratamento. No momento da visita, seu sofrimento causou pena no filho. Por identificação, isso remeteu às figuras futuras que o garoto passou a expirar (Freud, 2021).

Há uma particularidade da língua mãe de seu paciente em que *respiração* equivale a *espírito*. Nesse sentido, o ato cerimonial de inspirar e expirar suas blasfêmias, propiciava esta

conexão com sua história de vida (Freud, 2021). Há também outro traço para a origem deste sintoma. A respiração forte que realizava ao ver pessoas que lembravam o pai no momento da doença, também possui um correlato com os ruídos que escutou dele na cena primordial. Assim, “o Espírito Santo devia sua origem a esse sinal da excitação sensual do homem” (Freud, 2021, p. 702).

Outra característica de como a religião e sua história de vida se entrelaçavam diz respeito a sua relação com a irmã. Para o Homem dos Lobos “a irmã tornara-se a permanente corporificação da tentação e do pecado” (Freud, 2021, p. 703). Após a cena da sedução em que ela o incitou às práticas sexuais e posteriormente o rejeitou, percebe-se uma hostilidade contra as mulheres em geral que assumirá novas particularidades ao longo de sua vida sexual e amorosa (Freud, 2021).

Para explicar a suspensão dos sintomas obsessivos na infância de seu paciente, Freud a resume da seguinte forma: pela identificação com um professor alemão, o rapaz pôde sublimar seu sadismo na forma de devoção à cultura militar. Assim, passou da devoção religiosa para a insubordinação militar. “O processo conduziu a uma vitória da fé piedosa sobre a rebeldia da investigação crítica e tivera como pressuposto o recalque da posição homossexual” (Freud, 2021, p. 706). Desse desfecho, Freud aponta dois prejuízos à vida de seu paciente, que de certa forma se articulam pelo desinvestimento libidinal no mundo. O primeiro diz respeito a um desfalque intelectual, gerado pelo desinteresse em aprender. O segundo, por conta de uma libido homossexual recalçada, o paciente pouco investia em outros objetos o que acabou prejudicando sua vida social (Freud, 2021).

### **Fezes, dinheiro, erotismo anal e problemas com a castração**

Até agora, Freud reconhece uma dificuldade da escrita em apresentar de forma concisa e clara o panorama da história que se constituiu de maneira multidimensional durante a análise. Uma metáfora utilizada por ele para pensarmos na escrita do caso diz respeito às peças de um quebra-cabeça que quando encaixadas, fornecem uma imagem geral. É por essa divisão dos temas que Freud buscou mostrar o adoecimento infantil do Homem dos Lobos a fim de construir uma imagem razoavelmente clara a partir das peças conceituais de sua teoria (Freud, 2021).

Dito isso, Freud aponta a importância do fator erótico anal no tratamento. Além de ser um consenso entre analistas da época, há também uma certa característica assumida em relação ao dinheiro nesta equação. Segundo ele, os excrementos que inicialmente são investidos de interesse dão lugar ao dinheiro neste tipo de atração. Porém, Freud também

pondera o fator racional e pragmático desta questão. Ou seja, não são todas as relações em que o caráter libidinal desta corrente está determinando o funcionamento psíquico do sujeito para com seu financeiro. Sem isso, perderíamos de vista o caráter social/econômico que os sujeitos se encontram.

No caso do Homem dos Lobos, Freud descreve uma excentricidade em relação ao dinheiro. Por conta da herança recebida do pai e do tio, o jovem rapaz possuía uma grande fortuna, ainda que não a utilizasse de forma significativa, visto que se encontrava num estado de pouca autonomia. “O dinheiro simplesmente fugia a seu acesso consciente e significava, para ele, qualquer outra coisa” (Freud, 2021, p. 709).

Outro aspecto em relação ao dinheiro em sua vida dizia respeito à sua relação com a mãe. Com a morte do pai e da irmã, a herança foi dividida entre os dois. Contudo, era a mãe quem administrava a maior parte dos gastos. Por essa razão, o paciente se queixava das brigas que tinha com ela, alegando que esta não o amava e que preferia vê-lo morto para ficar com todo restante do dinheiro. Vale ressaltar que o tema do dinheiro na análise será um ponto interessante na história do caso, visto que futuramente Freud irá atendê-lo gratuitamente. Além desse gesto, Freud também se mobilizou para arrecadar uma renda que o sustentará por um bom tempo. Porém, este auxílio não veio sem efeitos. Como colocado por Žižek, “o Homem dos Lobos reagiu à ‘bondade’ de Freud com sintomas paranoicos” (Žižek, 2024, p. 167). Esses efeitos e sua história posterior ao tratamento com Freud, analisaremos futuramente a partir da escrita de Brunswick.

Seguindo pela trilha da relação entre excremento e dinheiro, Freud nos apresenta outro sintoma de seu paciente. Na juventude e no momento atual do tratamento, o rapaz apresentava problemas intestinais que o impossibilitavam de evacuar. Por essa razão, passava meses constipado e, apenas com o auxílio de um profissional conseguia realizar tal tarefa. Essa condição durou todo seu tratamento com Freud, que aliás, o encaminhou para um especialista que o examinou e declarou um funcionamento normal e saudável em seus órgãos (Freud, 2021).

Para justificar um suposto desvio de sua análise clínica, visto que inicialmente seu recorte diz respeito ao aspecto infantil do caso, Freud apresenta dois motivos para a relevância da questão. As perturbações intestinais apresentam origem na neurose infantil e serão decisivas na conclusão do tratamento (Freud, 2021).

Será por meio da dúvida que Freud encontra a solução sintomática de seu paciente. Segundo o psicanalista, aqueles problemas intestinais representavam “a pequena parcela de histeria que regularmente se encontra na base de uma neurose obsessiva” (Freud, 2021, p.

712). Com isso, ele pôde prometer o restabelecimento do órgão e trabalhar os motivos de sua descrença em relação a esse problema. Interessante que a expressão utilizada por Freud para se referir a cura sintomática foi quando o órgão histérico “começou a ‘entrar na conversa’ [...], reencontrando, em poucas semanas, sua função normal, que se encontrava prejudicada havia tempo.” (Freud, 2021, p. 712). Nela, percebemos a importância dada à dimensão da fala durante a análise.

Em seguida, Freud destrincha o primeiro elemento da justificativa acima, a articulação do problema intestinal com a neurose infantil. Aqui, ela é percebida a partir da repetição do paciente com a seguinte frase “assim não posso mais viver” (Freud, 2021, p. 713). Inicialmente expressa pelo paciente para descrever a angústia que sentia por não conseguir evacuar, essa frase, num dado momento, aparece quando ele relata uma consulta em que acompanhou a mãe. Nela, é a mãe quem profere a exata mesma sentença, como percebido por Freud. Nesse episódio, a mãe se queixava ao médico de suas dores e hemorragias (Freud, 2021).

Será por meio da frase e sua repetição que Freud aponta uma identificação do garoto com a figura materna. Além dela, o problema em relação à hemorragia da mãe também se relaciona com outro episódio de sua infância. A mãe alerta sobre episódios de disenteria, em que fezes eram evacuadas junto com sangue. É por essa razão que “é inteiramente provável que seu estado de angústia [...] se apoiasse na identificação com a própria mãe” (Freud, 2021, p. 714).

Seguindo a exposição do autor, temos o questionamento dessa identificação, a fim de entender seu significado. Nela, encontramos a solução ao recorrer a cena primordial.

Sob a influência da cena primordial, revelou-se para ele o nexo de que a mãe adoecera em razão daquilo que o pai fizera com ela, e o seu medo de apresentar sangue nas fezes, de ser tão doente quanto a mãe, era o repúdio à identificação com a mãe naquela cena sexual, o mesmo repúdio com que despertara do sonho. Mas o medo também era prova de que ele, na elaboração ulterior da cena primordial, colocara-se na posição da mãe, sentira inveja da relação entre ela e o pai (Freud, 2021, p. 714).

A partir daí, já temos pistas para a explicação do erotismo anal do Homem dos Lobos e suas complicações posteriores. Sendo esta zona uma região privilegiada na história de seu

desenvolvimento sexual, basta lembrar a preferência que o rapaz tinha pela posição traseira e fixação pelas nádegas das mulheres com que se envolvia.

Ainda sobre a identificação com a mãe pela via intestinal, Freud entende que esta somente ocorreu como uma possibilidade de satisfação sintomática (Freud, 2021). Aqui, retornaremos a cena primordial e as moções pulsionais do garoto a fim de elucidar este problema. O desejo inicial de ser objeto do pai na relação sexual e, conseqüentemente, assumir a posição da mãe (feminina), foi recalçado devido ao protesto masculino e ao horror à castração. É nesse sentido que, “a posição feminina em relação ao homem, rechaçada pelo ato de recalçamento, recolhe-se, por assim dizer, na sintomatologia intestinal, manifestando-se nas frequentes diarreias, constipações e dores intestinais dos anos da infância” (Freud, 2021, p. 717).

Neste instante, Freud aponta para a coexistência de diferentes e, por vezes contraditórias, correntes psíquicas no inconsciente. Nessa passagem, o autor é categórico ao postular uma diferença entre o recalçamento (*Verdrangung*) e a rejeição (*Verwerfung*) (Freud, 2021). Aparentemente a frase se encontra sem muita articulação, visto que ele não indica qual mecanismo atua na contradição da cena discutida (angústia de castração ou identificação com a mulher). Entretanto, este é um tema que será discutido em pormenores a seguir e que também abrirá ampla discussão entre futuros psicanalistas a respeito do diagnóstico e leitura do caso.

Ao comentar o desejo homossexual do garoto pelo pai, Freud retoma a reação que o rapaz teve pela morte da irmã. Segundo o psicanalista, mais do que avareza pelo acúmulo da herança que iria receber, havia travestido nessa emoção a libido e o pensamento de que, por fim, o pai amaria apenas ele. Além desta memória, outro elemento da análise também é ressignificado pelo prisma do desejo pelo pai. As ideias obsessivas e as ofensas à religião, tal como o xingamento *Deus - excremento*, ganham um novo significado. Para além da identificação com a mãe e do desejo homossexual já abordados acima, esta frase também significa uma presentificação. Na análise de Freud, “o excremento, a criança, o pênis dão, pois, como resultado, uma unidade, um conceito inconsciente - *sit venia verbo* -, o do pequeno separável do corpo (Freud, 2021, p. 723).

É por meio desses deslocamentos de libido que Freud retorna ao tema da castração. Aqui, vale a pena reproduzir o parágrafo escrito na íntegra. Além de expressar os percalços do mecanismo da castração, ele introduz uma cena elementar neste caso. A partir dela, irão surgir diferentes interpretações e chaves de leitura para o diagnóstico psicanalítico. Mas antes, vejamos o trecho a seguir:

Ele a rejeitou e se ateu ao ponto de vista do intercuro pelo ânus. Quando eu disse que ele a rejeitou, o significado mais imediato dessa expressão é que ele não quis saber nada dela no sentido do recalamento. Com isso, na verdade, não tinha sido pronunciado nenhum julgamento sobre sua existência, mas era como se ela não existisse. Mas essa posição não pode ter permanecido como a definitiva, nem sequer para os anos de sua neurose infantil. Posteriormente, encontram-se boas provas de que ele conheceu a castração como um fato. Também em relação a esse ponto, ele se comportou como era característico de sua natureza, o que certamente nos dificultou tanto a exposição quanto a empatia. Primeiramente ele se revoltou e depois cedeu, mas uma reação não eliminava a outra. No final, nele acabaram coexistindo duas correntes opostas, das quais uma abominava a castração, e a outra estava pronta para aceitá-la e para se consolar com a feminilidade como substituto. A terceira, a mais antiga e a mais profunda, que simplesmente havia rejeitado a castração, embora o julgamento sobre a sua realidade ainda não estivesse em questão, certamente ainda era ativável. Em outro lugar, relatei uma alucinação do quinto ano de vida justamente desse paciente, à qual eu gostaria de acrescentar, aqui, apenas um breve comentário (Freud, 2021, p. 724).

O comentário que se segue é a reprodução da fala do Homem dos Lobos narrando o episódio mencionado no fim da citação. Nele, temos a descrição do paciente a respeito de uma alucinação que teve quando criança. Da mesma forma que expomos o relato de seu sonho com os lobos, iremos reproduzir também sua fala, a título de síntese do acontecimento.

Quando eu tinha 5 anos de idade, estava brincando no jardim perto da minha babá e fazia cortes com meu canivete na casca de uma daquelas noqueiras, que também tem um papel em meu sonho. De repente percebi, com um terror indizível, que eu tinha cortado meu dedo mindinho da mão (direita ou esquerda?), de tal maneira que ele só estava pendurado pela pele. Eu não sentia dor nenhuma, mas uma grande angústia. Não me atrevia a dizer nada à babá, que se encontrava a apenas poucos passos de distância, afundei no banco mais próximo e permaneci sentado lá, incapaz de olhar mais uma vez para o dedo. Finalmente me acalmei, olhei para o dedo, e, veja só, ele estava totalmente ileso (Freud, 2021, p. 724).

Desse episódio, Freud vai interpretá-lo pela via da castração. Segundo ele, esta alucinação de seu paciente ocorreu no “período em que decidiu reconhecer a realidade da castração” (Freud, 2021, p. 725). Além disso, também temos uma identificação paterna pela posição assumida na cena e a relação da árvore com sua mãe que sofria de hemorragias na época. O estímulo para o qual este episódio surgiu, se deve a uma história que lhe foi contada a respeito de uma parente. Nela, a criança havia nascido com seis dedos no pé e, por conta disso, teve o membro excedente cortado por um machado. Neste ponto, Freud supõe que este episódio teve um papel importante na fantasia de seu paciente a respeito da castração. A história da menina que teve o dedo amputado justifica e conclui que, “as mulheres não tinham pênis, porque este lhes eram removido no nascimento” (Freud, 2021, p. 725).

Em seguida, retornamos para a influência do pai nesta fantasia do menino. Aqui, temos uma justaposição de sentimentos opostos em relação à figura paterna. Ao mesmo tempo em que ela exerce a castração, ela também é assumida enquanto castrada. Por essa razão, temos um caldeirão de sentimentos em que ódio, culpa pelo ódio, amor e compaixão se misturam (Freud, 2021).

### **Realidade e fantasia na cena primordial, algumas considerações**

Nesse ponto do texto, Freud abre considerações a respeito de novos materiais que costumam surgir quando a análise está chegando ao fim. Aqui, ele ressalta a importância de saber escutá-los, por mais insignificantes e despercebidos que possam soar. Com eles “finalmente se reconhece naquela migalha menosprezada de lembrança a chave para os mais importantes segredos que a neurose do doente encobria” (Freud, 2021, p. 728).

Este material corresponde a uma cena que surge a partir daquilo que Freud chama de lembrança encobridora (Freud, 2021). Em uma das sessões, o Homem dos Lobos relata um comportamento de sua infância que consistia na perseguição de borboletas. Porém, quando as capturava, ficava aterrorizado. De acordo com o rapaz, este inseto causava nele uma impressão infamiliar. Deste relato, Freud se atém ao significante *babuchka*, que significava mãezinha velha e que também correspondia ao nome da borboleta na língua de seu paciente. É por meio dele que se chegará a cena encoberta (Freud, 2021).

O que ambos descobrem em análise é que quando criança, o menino tinha uma ama que se chamava Gruscha e que ela teve um papel importante em sua sexualidade. Por meio dessa semelhança entre os significantes, Freud conclui que “por trás da lembrança encobridora da borboleta caçada escondia-se a memória da ama” (Freud, 2021, p. 730). Mas

afinal, qual a relevância dessa mulher em sua doença? Aqui, trata-se de uma “importante ligação entre a cena primordial e a compulsão amorosa posterior, que se tornou tão decisiva para seu destino, e, além disso, introduz uma condição amorosa que esclarece essa compulsão” (Freud, 2021, p.732).

A cena em questão é um episódio em que ao ver sua ama limpando o chão em uma posição ajoelhada, o menino urina no chão. Ao que se segue, ela o ameaça de castração. Daí a expressão de angústia no encontro com a borboleta (*babuchka*). Freud entende que a ação do menino em urinar ao ver a posição da ama diz respeito a uma excitação sexual e também uma forma de seduzir a moça. Além disso, o episódio seria um dos efeitos da cena primordial. Nela, o menino assume o papel do pai. Outro elemento que se extrai é que “todos os posteriores objetos de amor foram pessoas substitutas dela, que, por sua vez, tinha se tornado o primeiro substituto da mãe, pelo acaso da situação” (Freud, 2021, p. 734).

Dentre os diversos episódios narrados até então acerca da infância do Homem dos Lobos, o relato acima ganha um destaque ao retomar o antigo antagonismo entre realidade e fantasia. Seria quase uma espécie de confirmação da realidade da cena primordial. Porém, é interessante observar que Freud não se contenta com esta conclusão, de modo a descrevê-la como insatisfatória (Freud, 2021). Com isso, chegamos a uma outra perspectiva do problema. Sobre a realidade ou fantasia da cena “é preciso dizer que na verdade essa decisão não é muito importante” (Freud, 2021, p.737).

Diante dessa conjuntura, retornamos ao embate com Jung. Nela, Freud é categórico ao afirmar a importância do fator hereditário e filogenético acerca dos elementos psíquicos da infância, como defendido por Jung. A castração, sedução e observação do coito dos pais na infância podem ser elementos herdados dessa origem cultural. Este é o ponto de encontro entre as ideias dos autores, mas que rapidamente se separam. Para Freud, seria “um erro metodológico recorrer a uma explicação da filogênese, sem antes haver esgotado as possibilidades da ontogênese” (Freud, 2021, p. 738). Talvez neste ponto, cabe indicar uma reflexão que se encontra no livro “*Além do princípio de prazer*”, publicado pela editora Autêntica. Nesta edição, encontramos um artigo em que se discute o papel das teorias evolucionistas na obra de Freud. Ainda que o texto restringe seu foco no texto de 1920, é possível, por meio dele, identificar as influências de pesquisadores como Lamarck e Darwin em concepções psicanalíticas como as presentes no texto clínico.

Em continuação, Freud avança seu relato acerca do caso e, concomitantemente, com a discussão teórica armada entre ele, Adler e Jung. Como não é nosso objetivo de pesquisa analisar os pormenores desse tema, não apresentaremos aqui seus desdobramentos neste

capítulo do texto. Indicamos apenas que a discussão segue de perto o conceito de fantasia de renascimento e desejo de retorno ao ventre materno (Freud, 2021).

### **Síntese e problemas gerais do caso**

Após examinar em detalhes os episódios do caso, Freud nos introduz o esboço da vida sexual de seu paciente. Nele, veremos de maneira breve a sucessão dos estágios de sua organização sexual. De início, se retomou o caráter oral em sua perturbação no prazer de comer. Este sintoma está relacionado a uma regressão para um estágio de organização pré-genital (Freud, 2021). Não à toa, esta dificuldade em comer nos remete ao medo de ser devorado pelos lobos. Em seguida, temos uma precoce passagem para o estágio genital de sua sexualidade. Isto se evidencia pela identificação paterna e pelo erotismo ao urinar no chão ao ver Gruncha. Contudo, a partir da cena da sedução de sua irmã e com a alusão à castração feita pela babá, esse estágio se desorganiza e reride ao estágio anterior da organização sádico-anal (Freud, 2021).

Essa etapa é uma continuação da fase oral. Nela, encontramos a relação do paciente com os excrementos e seu comportamento agressivo. O sadismo se converte em masoquismo, que por sua vez, precipita um sentimento de culpa que irá acompanhá-lo para além de suas aspirações sexuais. Nesta época, também encontramos sua perseguição com os pequenos animais, como o episódio da borboleta descrito acima.

Em seguida, chegamos no episódio do sonho que o menino teve com quatro anos de idade. Freud o caracteriza como traumático, como uma interferência externa que perturba seu desenvolvimento sexual, tal qual a cena da sedução (Freud, 2021). Aqui, teríamos um restabelecimento da organização genital. Contudo, o novo material apresentado pelo sonho não pode ser apreendido. Por essa razão, “através de um processo que só pode ser equiparado a um recalçamento, chega-se a uma rejeição do que é novo e sua substituição por uma fobia” (Freud, 2021, p. 752). Acerca do recalçamento, podemos concluir que houve um reconhecimento da castração. Basta ter em vista que seu motor foi a masculinidade narcisista, com o intuito de preservar seu órgão sexual (Freud, 2021).

Sobre o aspecto do recalque e da formação da neurose fóbica, Freud faz uma digressão a respeito de uma possível suposição a respeito da bissexualidade e das posições sexuais. Estas não necessariamente dependem uma das outras. Essencialmente, o conflito reside entre o Eu e as instâncias pulsionais. Por essa razão, “ênfatizar a bissexualidade como motivo do recalçamento seria muito limitado; por outro lado, enfatizar o conflito entre o Eu e a aspiração sexual (libido) cobre as duas ocorrências” (Freud, 2021, p. 753). Com isso, é pela

instância do Eu que o recalque é realizado. Esse mecanismo ocorre contra investimentos libidinais que não podem emergir à consciência, tendo em vista a ameaça que causam ao Eu. “O Eu não tem justamente quaisquer aspirações sexuais, apenas o interesse em sua autopreservação e na manutenção de seu narcisismo” (Freud, 2021, p. 754).

Após este mecanismo do recalque, podemos seguir o percurso da libido pelo vestígio deixado em sua operação. “O objeto a que se vinculou a temida meta sexual precisa fazer-se representar por um outro perante a consciência” (Freud, 2021, p. 755). Por esse motivo, o medo do pai é transformado em medo do lobo e, posteriormente, assume outros objetos como o leão e a borboleta. Nesse movimento, a libido precisou ser convertida em medo, para assim, acoplar-se aos objetos fóbicos (Freud, 2021).

Ainda que este capítulo apresente um caráter sintético do caso, Freud também lança novas informações a seu respeito. Sobre isso, encontramos um fenômeno histórico na infância do Homem dos Lobos. Em relação a seu primeiro adoecimento fóbico, também se encontra uma genuína conversão histórica. “Uma parte da moção homossexual é retida no órgão que dela participa; o intestino passa a se comportar, a partir daí e também na época posterior, como um órgão histericamente afetado” (Freud, 2021, p. 756).

Em seguida, Freud se detém na passagem do sofrimento fóbico/histórico para obsessivo. Ela ocorre principalmente por fatores externos. A relação com o pai encoberta pela fobia a lobos se desloca para a devoção religiosa. A respeito disso, Freud faz um paralelo com seu texto *Totem e Tabu* (1913). Da mesma forma que o totem é o substituto do pai morto, encontramos na fobia e na devoção uma substituição desse pai. “Na fobia a lobos, ele cumpre o estágio do substituto totêmico do pai, estágio que então se interrompe e, em consequência de novas relações entre ele e o pai, é substituído por uma fase de devoção religiosa” (Freud, 2021, p. 757). É por essa razão que “a fobia a lobos desaparece com rapidez, e, em lugar da recusa angustiada da sexualidade, surge uma forma mais elevada de sua repressão” (Freud, 2021, p. 757).

Porém, essa passagem não é sem consequências. Os pensamentos blasfemos e o exagero religioso durante as cerimônias são manifestações sintomáticas dessa conversão. É interessante que nesse momento encontramos uma breve digressão acerca da religião. Para Freud, ela serviu de sublimação e possibilitou ao menino uma abertura à comunidade social. “A criança arisca e medrosa torna-se sociável, moral e educável” (Freud, 2021, p. 758). Além disso, o amor do menino ao pai, recalcado, ganha possibilidade de escoamento pela sublimação e paixão à Deus. Vale lembrar que a identificação a Cristo também teve influência pela data de seu aniversário. Em resumo, “a religião fez sua obra no pequeno

desencaminhado por meio de uma mescla de satisfação, sublimação, desvio do sensual para processos puramente espirituais, e pelo acesso a vínculos sociais que ela oferece ao crente” (Freud, 2021, p. 758).

Em seguida, Freud nos apresenta um panorama do desenvolvimento sexual do garoto após o período religioso, durante sua puberdade. Mas antes, somos alertados a respeito da opacidade diagnóstica do caso e das particularidades que este apresenta. A existência de diferentes neuroses (histérica, fóbica e obsessiva) presentes em sua vida aponta para uma lacuna nos casos típicos até então analisados. Por essa razão, Freud o exclui das séries analisadas no texto *Sobre tipos neuróticos de adoecimento*. Feita essa ressalva, retornamos ao terreno do desenvolvimento sexual do rapaz. Existe uma predominância da organização genital e heterossexual. Encontramos nesse período uma forte ligação com a cena relatada acima acerca de Gruscha. Entretanto, essa passagem também não é sem consequências.

Com uma violenta irrupção em direção à mulher, ele conquistou finalmente a plena masculinidade; a partir de então esse objeto sexual foi mantido, mas ele não se alegrou com essa posse, pois uma forte inclinação para o homem, agora inteiramente inconsciente, que reunia em si todas as forças das fases anteriores, afastava-o sempre novamente do objeto feminino, obrigando-o, nos intervalos, a exagerar a dependência da mulher (Freud, 2021, p. 761).

Levando isso em consideração, temos que a inaptidão social gerada pelo adoecimento posterior (infecção gonorréica), seria uma reativação de sua angústia de castração. Nela, encontramos a ruptura de seu narcisismo. “Ele adoeceu, portanto, de um ‘impedimento’ narcísico” (Freud, 2021, p. 762). A respeito disso, Freud comenta que a dificuldade de avançar durante o tratamento esteve relacionada a esse hiper investimento narcísico. Inclusive, podemos nos perguntar se esta característica também não abriria margem para um diagnóstico de psicose, tendo em vista essa libido represada no Eu.

Freud também comenta outras peculiaridades do caso que chamaram sua atenção. A fixação, a propensão a ambivalência e a “capacidade de manter os mais variados e contraditórios investimentos libidinais, todos funcionando uns ao lado dos outros” são alguns desses elementos. Por essas características, Freud faz uma analogia entre a vida anímica de seu paciente com a religião do Antigo Egito. Em ambos encontramos conservados “os estágios de desenvolvimento junto dos produtos finais, por fazer perdurarem tanto deuses mais antigos e os significados dos deuses quanto mais jovens, estendendo numa superfície o

que em outros desenvolvimentos é uma estrutura com profundidade” (Freud, 2021, p. 763). Aqui, é difícil não lembrarmos do aforismo laciano a respeito do inconsciente a céu aberto no paciente psicótico.

Por fim, neste último ponto de seu texto, Freud comenta sobre a exposição e escrita do caso. O que se destacou inicialmente foi a complexidade na apreensão do material e sua transmissão. Sobre as dificuldades ele relata que “é preferível mostrar de maneira ousada que não se deixou deter pela consciência de suas próprias inferioridades” (Freud, 2021, p. 745). Ou seja, em sua concepção, foi preciso coragem para redigir e organizar suas ideias, a fim de se mostrar disposto ao debate (Freud, 2021). À luz desses adjetivos, podemos questionar o tom heróico e desbravador em contraposição a disputa política-teórica na época. A escrita clínica, menos heróica e solitária, está inserida em um contexto em que discursos são constantemente produzidos e tensionados. Isso é o que encontramos no movimento psicanalítico naquele contexto. Poderíamos nos perguntar, hoje, com quais saberes a psicanálise tem dialogado e como tem sido feito esse diálogo na pólis. Apostamos que a escrita e a transmissão dos casos são essenciais para analisar essas questões.

A partir dos encontros do curso *Casos Clínicos de Freud*, proferido pelo professor e psicanalista Douglas Barros em 2024, lemos e discutimos os casos de Dora, Hans, o Homem dos Ratos, Schreber e o Homem dos Lobos. Pudemos constatar que ler os casos de Freud é uma porta fundamental que atravessamos para entender a prática clínica, seja ela naquele contexto, seja ela contemporânea. Remoer os casos é também remoer os conceitos da psicanálise (Barros, 2024). Pudemos vislumbrar que, do caso Dora para o caso do Homem dos Lobos, há um avanço teórico. A escrita é diferente, assim como a técnica. A transferência e o distanciamento do analista também se alteram. De Dora ao Homem dos Lobos presenciamos um amadurecimento do ofício de Freud, uma passagem da certeza para a hesitação (Barros, 2024). Desse estilo, apreendemos uma honestidade intelectual do pesquisador. A exposição e reelaboração de suas ideias permeou sua forma de transmitir a psicanálise. Para além da complexidade do caso, podemos supor que a polêmica diagnóstica que ronda a história de Serguei se dá pela forma que seu caso é construído e narrado. Dela, já vislumbramos uma autocrítica imanente à prática clínica (Barros, 2024).

## 7. OS RESTOS TRANSFERENCIAIS - DE 1920 A 1923

Neste período, analisaremos alguns pontos do tratamento do Homem dos Lobos com Freud e anos posteriores a ele, pela ótica de Ruth Mack Brunswick. Isso nos ajudará a compreender as intervenções e leituras da analista sobre o caso. A autora, psiquiatra e psicanalista, foi uma das pioneiras nos estudos psicanalíticos sobre a psicose e os estágios pré-edípicos.

Inicialmente, destacamos o caráter neurótico do paciente em relação ao dinheiro. Lembremos da riqueza que este recebeu de herança pela morte do pai. Além dela, havia o contentamento com a morte da irmã e as investidas furiosas com a mãe a respeito de suas tentativas de se apropriar de sua fortuna. Porém, após a Revolução Russa, seus bens são tomados e o paciente passa a se encontrar em um estado de miséria. Desempregado e vivendo de doações, Freud o ajuda na arrecadação financeira, tendo em vista que este “havia servido tão bem aos fins teóricos da análise”, como afirmou o psicanalista (Brunswick, 2023, p. 35).

A situação rapidamente se complica. Após a chegada de um parente, o Homem dos Lobos recebe algumas jóias de presente, entre elas, colares e brincos. Porém, não notifica Freud sobre esta novidade. Sentia que poderia perder os benefícios que vinha recebendo. Com o passar dos anos, se mostrava cada vez mais questionador acerca da quantia que receberia dos analistas do círculo freudiano. Seu comportamento compulsivo em relação ao dinheiro também se manifestava em relação às apostas, que o levaram a perder as grandes quantias arrecadadas. Além disso, escondia de sua esposa os valores das doações. “O paciente adquiriu notável falta de franqueza em um indivíduo, até então, compulsivamente honesto” (Brunswick, 2023, p. 36).

Apesar deste aspecto, Brunswick, ao recebê-lo, o considera relativamente saudável. Comparado ao estado inicial que chegou em Viena para o tratamento com Freud quando jovem, o Homem dos Lobos havia apresentado significativa melhora. Conseguia trabalhar e participava ativamente nos cuidados de sua esposa enferma. Fazia retratos e pinturas para vender para os psicanalistas que o ajudavam. Em 1922, fez um autorretrato que, por sua vez, o obrigou a passar longos períodos olhando-se no espelho. Essa pintura o atormentou excessivamente, tendo em vista seu horror à suposta ferida no nariz.

Em 1923, ao visitar Freud para recolher seu dinheiro, o Homem dos Lobos se surpreende ao vê-lo debilitado por conta das cirurgias que vinha passando. Nesta época, Freud já havia começado o tratamento do câncer que logo viria se intensificar. Seu paciente, ao vê-lo nesse estado, fica chocado, ainda que nesse instante não compreenda o que este

choque viria a representar. Também nesse período, começa a se masturbar com imagens obscenas mas sem apresentar nenhum tipo de incômodo em relação a isso (Brunswick, 2023).

## 8. A ANÁLISE COM BRUNSWICK

### 8.1 Comentários gerais

O Homem dos Lobos inicia a análise com Brunswick por meio da indicação de Freud. Ao retornar a seu antigo médico, este o encaminha para sua promissora discípula. Não sabemos as razões deste encaminhamento. Poderíamos especular, aqui, se a formação psiquiátrica e o fato de ser mulher, não poderiam ser atributos que Freud levou em consideração ao fazer esta indicação. O olhar clínico em relação ao diagnóstico e o papel assumido na transferência, foram pontos essenciais que Brunswick pôde destrinchar na análise. Lembramos que, para além de indicar, Freud também recusa retomar novamente o tratamento com seu antigo paciente. Seria interessante, a título de pesquisa, descobrir os motivos dessa atitude, a fim de entender melhor o histórico do caso.

O sintoma que o leva ao retorno do tratamento diz respeito a uma perturbação que dizia sentir no nariz. Ela se apresentava como decorrência de uma lesão nasal que sofreu durante um tratamento com eletrólise para obstruir suas glândulas sebáceas. Brunswick a descreve como uma ideia fixa hipocondríaca. Ainda que ele afirmasse o grande estrago em seu rosto, não era possível ver nenhum tipo de ferimento ou alteração nasal (Brunswick, 2023). Percebendo seu estado de desespero, foi então buscar análise, visto que suas sucessivas consultas médicas não o ajudaram em relação ao seu sofrimento.

Os médicos que o atenderam, informaram que não poderiam ajudá-lo, pois não havia nada de errado com ele. Sentindo-se mutilado e completamente fixado na ideia de lesão, o Homem dos Lobos encontrava-se incapaz de viver. Ao apresentar essa queixa a Brunswick, ele relata suas doenças anteriores: sua disenteria, gonorreia e as situações já analisadas por Freud. Dela, podemos extrair um núcleo de identificação patogênica com a figura da mãe (Brunswick, 2023). Lembremos de sua fala, quando sai de uma consulta médica em que leva seu filho junto, “Eu não posso mais viver assim”. De maneira similar, a vida do Homem dos Lobos girava em torno da nova doença e de sua preocupação com ela. Tamanha obsessão, o paciente levava consigo um espelho de bolso em que constantemente o retirava para verificar seu rosto.

É dessa condição que o tratamento com Brunswick se inicia. A autora afirma que nada de novo referente a história infantil do paciente foi levantado, ainda que futuros psicanalistas discordarão desta leitura. Depois de seu texto, há uma reviravolta e um aumento nas discussões acerca da problemática diagnóstica do caso (Lora e Silva, 2018). A descoberta da analista foi que, na verdade, a fonte desta nova doença se deu pelos restos transferenciais da análise com Freud (Brunswick, 2023). Estes surgiram após circunstâncias peculiares e, por

essa razão, tiveram papel na constituição de seu novo adoecimento como “uma nova forma de uma velha doença” (Brunswick, 2023, p. 34).

## **8.2 A história da doença apresentada durante o tratamento**

Antes de discutirmos as contribuições de Brunswick e suas intervenções clínicas, apresentaremos a narrativa do Homem dos Lobos durante o tratamento. Assim como Freud, Brunswick apresentou o material clínico e privilegiou sua exposição antes de qualquer conclusão teórica. Podemos pensar que esta é uma posição ética que se mantém na transmissão da escrita de casos clínicos em psicanálise, tal como apresentado inicialmente na pesquisa. A construção do caso apresenta uma crítica inerente ao dispositivo analítico por levar em conta o movimento dialético da experiência clínica com a metapsicologia que a contempla (Dunker, 2021). Vejamos, então, como este processo é narrado para depois entendermos as operações efetuadas por Brunswick em seu raciocínio clínico.

Ao buscar a mãe na estação de trem, em 1923, o Homem dos Lobos repara que ela apresenta uma grande verruga preta no nariz. Aconselhada pelos médicos a não extrair devido ao estranho comportamento de aparição e desaparecimento da excrescência, ela segue essa decisão e se contenta com ela. Porém, o filho identifica na mãe traços hipocondríacos em relação a infecções e outros tipos de medo.

No início de 1924 o Homem dos Lobos começa a apresentar problemas dentários. Por essa razão, precisou extrair dois dentes com um dentista que se chamava *Dr. Wolf*. Além disso, o especialista comunicou ao Homem dos Lobos que eventualmente precisaria extrair outros, com o risco de perder todos, por conta da violência e da intensidade de suas mordidas. Diante desse presságio, o paciente não mais retornou a consultá-lo. Todavia, mesmo com novas visitas a diferentes dentistas, Serguei continuou sentindo-se insatisfeito e desconfiado.

Em fevereiro, surge a manifestação de seu principal sintoma tratado em análise. O paciente relata um estranhamento em relação ao nariz. Essa sensação o acompanhou, com intensidades diferentes, desde de sua adolescência. Naquele tempo, o Homem dos Lobos sofreu com um catarro nasal que demandou um tratamento mais intensivo com o uso de pomadas. Essa insatisfação com o nariz, portanto, o acompanha desde a puberdade. Com o passar dos anos essa perturbação cede mas o pensamento e o medo de que algo pudesse surgir no local do nariz, como uma verruga por exemplo, não o abandona.

Assim que sua mãe retorna da Rússia e o encontra na ferroviária, o Homem dos Lobos se incomoda com a verruga que ela apresentava no rosto. Concomitantemente, seu sintoma de constipação, tratado por meses com Freud, também retorna. Brunswick nos lembra do caráter

histórico desta formação. Com essa reaparição, o Homem dos Lobos fica extremamente fatigado e procura tratamento por águas termais. Porém, a indicação médica de compressas de água fria na região do abdômen é rejeitada pelo paciente. Essa resistência ocorre devido ao medo, similar ao de sua mãe, de contrair algum resfriado.

Como costuma acontecer, nos escreve Brunswick, os medos de seu paciente acabam se concretizando. O Homem dos Lobos adoece logo em seguida, no feriado de Pentecostes. É curioso notar que seus adoecimentos geralmente aconteciam nas datas comemorativas de feriados (Brunswick, 2023). Ao interrogá-lo sobre isso, ele também informa a Brunswick o aumento na masturbação que realiza nesses dias. Essa informação, por hora, não é destrinchada pela autora.

Após alguns dias resfriado e com tosse, o Homem dos Lobos, preocupado em desenvolver uma pneumonia, retorna ao médico que inicialmente o atendera. Nessa consulta, o médico afirma que não se trata de uma evolução da doença e que logo ele estaria melhor. Ao relatar esse episódio para sua analista, ele lembra de um pensamento que teve durante o atendimento médico. O profissional, de quem gostava muito, se queixou de uma doença renal que estava enfrentando. Nesse instante, pensou “Como é bom que eu, o paciente, seja realmente saudável, enquanto ele, o médico, tenha uma doença grave!” (Brunswick, 2023, p. 40).

Após esse pensamento, sente-se que merecia ser punido. Ao retornar para casa, depara-se com uma espinha no rosto e remove-a com extrema intensidade. Seu rosto fica com a marca do buraco e traços de vermelhidão, quase como uma cicatriz. Apesar do passar dos dias, sua marca não sai completamente. O Homem dos Lobos observa constantemente, no espelho que carregava consigo, a imagem de seu rosto a fim de observar a mínima mudança em seu processo de cura. Por não conseguir perceber nenhuma alteração, se angustia com a própria feição e com a sensação de ser observado por todos que cruzam seu caminho. “Por enquanto, ele não conseguia encontrar prazer em nada e começou a sentir que todos estavam olhando para o buraco em seu nariz” (Brunswick, 2023, p. 41).

Ao retornar ao médico que o atendera na juventude, o Homem dos Lobos se queixa de suas glândulas sebáceas (e não de sua ferida no rosto) e diz que se sente incomodado com elas. O médico, aqui nomeado como X., afirma que o procedimento a ser feito, teria como consequência uma vermelhidão na região que perduraria por alguns dias. Além disso, o paciente precisaria fazer o uso das mesmas pomadas que fez durante o tempo da adolescência. Após as informações, o Homem dos Lobos aceita o procedimento mas se

arrepende logo após sua realização. A esposa o repreende e desaprova a atitude. Os medicamentos que foram receitados pelo médico são descartados por ela.

Um pouco antes de entrar de férias, o Homem dos Lobos se preocupa com a possibilidade de eventualmente sofrer dores num dos dentes que anteriormente o incomodavam. Por essa razão, consulta rapidamente com seu dentista que solicita a extração do membro. Infelizmente, ele descobre ter retirado o dente errado e não aquele que o incomodava. O arrependimento o assola novamente e sintomas brônquios surgem com uma preocupação adicional.

Após os meses turbulentos, suas férias correm bem e o paciente consegue se desvencilhar da preocupação, tanto do nariz quanto dos dentes. Nesses dias que passa no campo, realiza atividades de pintura e mostra-se dedicado nessa tarefa. No outono e no inverno que segue, não relata grandes eventos nem incômodos. Quando eventualmente se observa no espelho, não encontra o buraco que tanto o atormentava. Com uma sensação de alívio, considerou superada essa questão, como algo do passado.

Em relação a sua vida sexual, Brunswick relata o hábito do Homem dos Lobos em perseguir mulheres nas ruas. Lembremos, pelo texto de Freud, da predileção que apresentava por mulheres de classes mais baixas. Isso se refletia no hábito de se encontrar com prostitutas e se masturbar na frente delas. Por apresentar preocupações e medo de doenças venéreas, limitava-se a esse aspecto na presença delas e não praticava o coito (Brunswick, 2023).

Em 1925, no feriado da Páscoa, seus sintomas nasais reaparecem. Em seu rosto, surge uma espinha que, como nos indica Brunswick, apresenta um comportamento similar à verruga da mãe do paciente. A similaridade reside no fato de sua aparição e desaparecimento. O Homem dos Lobos, incomodado com este fator e não enxergando melhoras, decide consultar com um dermatologista. Na consulta, o médico afirma que nada poderia ser feito e que eventualmente a ferida iria ceder. Inconsolado em esse prognóstico, o Homem dos Lobos afirma que “o mundo inteiro girou ao contrário” (Brunswick, 2023, p. 44). Com isso, “A estrutura de sua vida desmoronou. Esse foi o fim; assim mutilado, ele não poderia continuar vivendo” (Brunswick, 2023, p. 44).

Após esse atendimento, o Homem dos Lobos se consulta imediatamente com o médico X. que o acalma, dizendo que uma operação em suas glândulas poderia ajudar. Seria preciso retirá-las com o equipamento cirúrgico e que provavelmente, poderia causar bastante dor. Com o procedimento chegando ao fim, o paciente observa seu sangue escorrer pelas mãos do médico e, como se evidenciou futuramente na análise, sentiu grande êxtase no

momento. Disso, conclui Brunswick que, “duas horas antes, ele estava à beira do suicídio, e agora um milagre o resgatara do desastre” (Brunswick, 2023, p. 44).

Porém, passado alguns dias, o Homem dos Lobos percebe uma elevação no local em que foi feita a cirurgia. Inconformado e angustiado com o que via, se questiona se o primeiro médico não estava, de fato, com a razão ao lhe dizer que nada poderia ser feito. Concomitantemente, começa a identificar pequenas feridas na região da gengiva, junto com surgimento de pus. O primeiro dentista que o consulta, afirma não se tratar de algo grave. Porém, desconfiado, o Homem dos Lobos parte em busca de outro profissional, que apresenta uma solução exatamente ao contrário da primeira. Para este outro dentista, a causa do sofrimento de seu paciente residia única e exclusivamente em um dente que não havia sido retirado. Inclusive, os problemas nasais também se encontravam nessa conta. Por essa razão, o Homem dos Lobos concorda com a ingênua solução de extração, por mais que depois se apresente frustrado e arrependido, como vinha sendo de costume.

Novamente às voltas com seu nariz, o Homem dos Lobos vai procurar seu antigo médico X.. Cansado de assegurar que não enxergava defeitos em sua fisionomia, e da insistência do paciente em visitá-lo quase constantemente, o médico relega os cuidados a seu assistente. Percebendo este afastamento, o Homem dos Lobos usa uma verruga que sua esposa apresentava para driblar a atitude do médico, e assim poder consultá-lo. Segundo o paciente, ele já não se reconhecia mais no espelho, por isso a urgência em ser atendido por X.. Ao fim do atendimento da esposa, o Homem dos Lobos aborda X. exigindo algum tratamento ou resposta que apaziguasse seu sofrimento. Irritado com a atitude de seu paciente, o médico afirma que o problema se tratava de uma distensibilidade vascular e pede para retornar outro dia para realizarem o tratamento.

“Por um lado, o paciente estava infeliz por ter uma nova doença - distensibilidade vascular; por outro, isso lhe deu uma esperança renovada de cura. *Mas duvidou do diagnóstico.*” (Brunswick, 2023, p. 46, grifos nossos). Percebemos aqui, para além do texto de Freud e do aspecto psicopatológico, uma perturbação na ordem diagnóstica do Homem dos Lobos. A desconfiança e a busca incessante por tratamento também se apresenta na sua relação fisiológica com o corpo.

Na angústia da espera pelo tratamento indicado por X., o Homem dos Lobos vai consultar outro dermatologista, a fim de coletar uma nova opinião. Curiosamente, nos informa Brunswick, este novo médico trabalhava em uma clínica localizada na esquina da rua onde Freud morava. Lá, o novo médico confirma o diagnóstico de X. mas se opõe ao tratamento indicado. Oferece outro e, sem saber das dificuldades financeiras de seu paciente,

cobra-lhe o valor usual da consulta. Ao invés de se sentir pressionado pelo valor, o Homem dos Lobos se regozija pois vê a possibilidade de “pagar como um cavalheiro” (Brunswick, 2023, p. 47).

Após as férias, seu interesse se volta aos dentes. Seu antigo dentista recomenda fazer uma nova coroa dentária, por conta das extrações anteriores. Desconfiado dessa indicação, o Homem dos Lobos consulta uma segunda opinião, que o recomenda fazer seis novas obturações. Porém, o paciente não se contenta com esta segunda possibilidade e procura um terceiro dentista. Este novo profissional diz que era preciso uma nova coroa dentária, mas também achava necessário fazer duas obstruções. Perdido em relação às diferentes possibilidades, o Homem dos Lobos conversa com um amigo que recomenda um profissional de sua confiança, outro dentista chamado Dr. Wolf. Ao consultar essa nova figura, com o mesmo nome de seu antigo médico, o Homem dos Lobos é convencido de que a opinião do último era razoável e que, portanto, retornaria para o tratamento com ele.

Em 1926, seus sintomas se desenvolveram com mais força. A ideia fixa em relação a cicatriz do nariz voltou a atormentá-lo. Novamente, o Homem dos Lobos retornou ao seu antigo dermatologista que constatou não ter mais o que fazer. Segundo as palavras do médico “as cicatrizes nunca desaparecem” (Brunswick, 2023, p. 51). Ao vê-lo arrasado e sem acreditar, o médico buscou acalmá-lo e apontou que sua preocupação era exagerada. Sem efeito, o paciente começou a conspirar em relação ao médico que havia feito o procedimento com eletrólise. Questionou sua competência e integridade. Qual teria sido o motivo do erro? Negligência ou acidente? Ou então, não poderia ter sido uma vontade inconsciente de seu médico em prejudicá-lo? Com essas perguntas o atormentando, começou a surgir um ódio em relação à figura do Dr. X., tomado agora como seu inimigo mortal.

### **8.3 A condução de Brunswick**

Após a apresentação feita acima, Brunswick relata sua percepção a respeito do paciente que acabava de escutar. Foi difícil acreditar que a pessoa que estava atendendo, era a mesma que tinha lido em *História de uma neurose infantil* (Brunswick, 2023). A compulsividade honesta que vimos na análise com Freud, entra em contraste com o completo desconhecimento dos atos desonestos de seu paciente (Brunswick, 2023). Havia uma hipocrisia e um encastelamento, ambos muito presentes durante a análise. Em relação à primeira, o Homem dos Lobos constantemente elogiava o profissionalismo de Brunswick e divagava a respeito dos grandes feitos da psicanálise na ciência. Já no segundo aspecto, este se apresentava sempre quando Brunswick buscava abordá-lo sobre sua ideia fixa em relação

ao nariz. Era como se, a partir das divagações e dos elogios, o paciente armasse suas defesas, passando a “entrincheirar-se atrás de sua impermeabilidade” (Brunswick, 2023, p. 51).

Assim como na análise com Freud os sonhos foram essenciais para o tratamento da doença, com Brunswick não foi diferente. Por meio de um sonho, percebemos a importância da relação transferencial conduzida pela analista. Este se apresentou como uma outra versão do sonho dos lobos. A única diferença é que, ao invés das cores brancas, os lobos apresentavam tons cinzas. Questionado acerca dessa substituição, o paciente lembra do grande cão cinza de Freud, que encontrava quando ia receber o auxílio financeiro em sua casa (Brunswick, 2023).

Eis que nos deparamos com a seguinte cadeia associativa: o lobo que inicialmente se apresenta no sonho é a condensação do medo/desejo do pai. Ao se associar ao cão de Freud neste novo sonho, é como se esta figura inicial paterna estivesse agora deslocada à figura do psicanalista. Por essa razão, o Homem dos Lobos expressa a felicidade de ser analisado por Brunswick. “De fato, era mais seguro para ele ser analisado por uma mulher, pois assim evitava a transferência homossexual, que, a essa altura, era tão forte que teria se tornado um perigo para a cura, em vez de um instrumento dela” (Brunswick, 2023, p. 55).

Uma outra mudança em relação à análise com Freud diz respeito à alteração de caráter do paciente. Antes, sua atitude passiva se apresentava exclusivamente com figuras masculinas. Agora, entretanto, isto se estendia também para as figuras femininas e em suas relações heterossexuais, como sua mãe e sua esposa, que administravam suas finanças e remédios, além de intervir nas recomendações médicas acerca das decisões a serem tomadas. Esta seria uma mudança de caráter similar à primeira ocorrida na infância, aos três anos e meio de idade (Brunswick, 2023).

A análise era feita gratuitamente. Porém, a questão com o dinheiro não deixa de aparecer, principalmente articulada à figura de Freud. A relação entre ambos era tingida por ideias de grandeza por parte do Homem dos Lobos. Seu ex-analisante se considerava mais do que um mero paciente. Sentia-se como um membro da família e um de seus mais importantes pacientes. A ajuda financeira fornecida contribuiu para essas ideias (Brunswick, 2023). Além disso, Freud o aconselhou (ainda que não indicava esta prática a seus discípulos) a permanecer em Viena e não ir retirar sua herança na Rússia, tendo em vista a efervescência da Revolução e o risco de ser assassinado assim que chegasse. O Homem dos Lobos acatou a sugestão mas tempos depois perdeu sua fortuna. Deste episódio, surge o pensamento de que seu médico lhe devia dinheiro. “É provável que a atribuição de culpa a Freud tenha lhe fornecido justificativas para aceitar ajuda financeira dele” (Brunswick, 2023, p. 57).

Por um bom tempo, o paciente contava de sua análise com Freud e elogiava a postura de sua nova analista. Dizia se sentir melhor com ela e que se espantava com sua habilidade de interpretação. Porém, a analista entende que estes eram mecanismos de resistência e que toda vez que tentava abordar o tema do nariz, era interrompida. Certo dia, Brunswick lê nos jornais a notícia de óbito do Dr. X.. Ao perguntar ao Homem dos Lobos se ele estava ciente, ele dá um salto de surpresa e afirma a seguinte frase: “Meu deus, agora não posso mais matá-lo” (Brunswick, 2023, p. 59).

Lembremos que o Dr. X. foi a pessoa que o Homem dos Lobos culpava por todo seu sofrimento. Por conta de um suposto erro que teria cometido, o paciente acreditava que seu médico tinha intenções, conscientes ou inconscientes, de feri-lo. Por essa razão, nutria um ódio por ele e queria prejudicá-lo de volta. Queria vê-lo sofrer de alguma forma. Neste momento, Brunswick aproveitou para questioná-lo acerca de uma possível substituição de Freud para X., tendo em vista que fora o primeiro que recomendou o segundo. Entretanto, o Homem dos Lobos nega veemente esta equiparação e afirma sentir por seu antigo analista apenas sentimentos cordiais e afetuosos. Inclusive, retoma a proximidade que sentia ter com a família de Freud. Questionado por nunca ter sido visto na residência da família, se perde em suas ideias. “Seus argumentos tinham um tom extraordinário: não eram exatamente capciosos, mas continham uma mistura espantosa de fantasia e fato” (Brunswick, 2023, p. 59).

Se esse estado de pensamento não fosse superado, a análise não iria progredir (Brunswick, 2023). O Homem dos Lobos acreditava ser o filho predileto de Freud. Para isso, a técnica de Brunswick foi em direção a minar essa concepção. Para isso, ela lembrou que ele não tinha sido o único paciente que Freud havia publicado, haviam outros que também demandaram sua escrita. A partir desta investida o Homem dos Lobos pôde progredir pois novos sonhos foram trazidos à análise. Estes diziam respeito a um desejo de voltar a se analisar com Freud, além de um desprezo pela atual analista. Ao entrar em contato com esse novo material, o paciente inicialmente o negou. Porém, depois afirmou que sentia ser ajudado por Freud por meio da analista, imaginando que eles discutiam seu caso em particular (Brunswick, 2023).

Ao contradizer essa fantasia, Brunswick relatou que seu contato com Freud foi apenas no início do tratamento e que, desde então, Freud nunca mais mencionou ou perguntou sobre seu antigo paciente. Ao escutar essa informação, saiu furioso do consultório e retornou no dia seguinte com um sonho acerca do pai castrado. Por essa via, Brunswick destacou o desejo pela morte do pai e relembrou o episódio que o Homem dos Lobos vira Freud fragilizado por

conta de seu câncer. Nele, o paciente, inconscientemente, se preocupa com o destino do auxílio que recebe. Assim como seu pai havia deixado uma herança, o paciente imaginava receber algo similar após a morte de Freud (Brunswick, 2023).

O tema da castração tornou a se repetir durante as sessões. Após um sonho com elementos de seu período estudantil, o paciente relata um episódio quando tinha 13 anos acerca de sua primeira afecção nasal. Esta foi a primeira das três doenças traumáticas do Homem dos Lobos. O sofrimento com o tratamento, que exigia pomadas e ácidos, também afetava sua vida social escolar. Na escola, era provocado e apelidado pelos colegas de Mops (cachorro da raça *pug*). Depois dela, aos 17 anos, contrai gonorreia e, ao escutar de seu médico o caráter crônico da doença, colapsa em angústia e sofrimento. A terceira, contudo, se diferencia pelo seu caráter imaginário, ao contrário das duas primeiras que apresentavam manifestações reais. A cicatriz no nariz e todo seu percurso já apresentado aqui, carregou em sua origem, uma queixa de ordem fictícia.

Sobre a natureza deste sintoma hipocondríaco, descobriu-se uma difusa mania de perseguição. Após as ideias de grandeza do paciente terem sido desarmadas, irrompe-se este elemento persecutório. Inicialmente ele é constatado pelo paciente em seu próprio sonho dos lobos. Brunswick destaca, em sua interpretação, o objeto do olhar presente na cena. O medo posterior em ser olhado fixamente pelas pessoas, o remetia ao sonho e à angústia em ser devorado pelos lobos. Com isso, para além de seu pai e dos lobos, todos os outros médicos assumiram esta função de caçá-lo e destruí-lo (Brunswick, 2023).

Deste sentimento de perseguição e sofrimento perante as figuras paternas, o Homem dos Lobos se identificava com Cristo, analogia já demonstrada por Freud. Por essa identificação, também foi possível deduzir sua crença em ser o paciente preferido do psicanalista (Brunswick, 2023).

A partir desses novos elementos, o Homem dos Lobos apresentou um comportamento diferente do que vinha apresentando desde então. Era como se estivesse sendo perseguido por alguma espécie de demônio. Seus pensamentos estavam desorganizados e sua fala completamente descontrolada. “O paciente parecia mergulhado em uma situação com a qual nem ele nem a análise poderiam lidar” (Brunswick, 2023, p. 68). Porém, é justamente neste período que foi possível vislumbrar os avanços da análise. É bastante explícito como este caminho foi percorrido pela demonstração de dois sonhos.

O primeiro deles, é apresentado da seguinte forma: “O paciente e sua mãe estão juntos em um quarto cujas paredes de um dos cantos estão cobertas com imagens sagradas. Sua mãe pega as imagens e as joga no chão. As imagens quebram e caem em pedaços. O paciente se

espanta com esse ato realizado pela sua piedosa mãe” (Brunswick, 2023, p. 69). Lembremos que a passagem da fobia para a neurose obsessiva na história infantil do menino, ocorreu pela introdução da religião por parte de sua mãe. Ainda que o material religioso apresentasse características obsessivas, é inquestionável o ganho secundário em relação à sua antiga irritabilidade e medo que deixou de ter durante as noites.

No sonho que o paciente traz, a mãe, ao invés de construir e apresentar o cerimonial religioso, o destrói e estilhaça. Aqui, Brunswick é perspicaz na interpretação: “No sonho, eu sou a mãe, mas em um papel contrário ao histórico; em vez de fornecer uma religião ao paciente, eu a destruo para ele. O que realmente destruo é a fantasia de Cristo, com tudo o que isso implica” (Brunswick, 2023, p. 69).

Na sequência do dia seguinte, o sonho relatado é interpretado como uma espécie de reconciliação com a cena primária e o sonho de angústia com os lobos. Brunswick enxerga uma possibilidade de superação do medo da castração e a possibilidade de admirar uma cena de amor, sexual. Vejamos seu conteúdo:

“O paciente fica olhando pela janela para um prado, para além do qual há um bosque. O Sol brilha por entre as árvores, salpicando a grama; as pedras no prado são de um curioso tom lilás. O paciente olha particularmente para os galhos de determinada árvore, admirando a maneira como eles se entrelaçam. Ele não consegue entender por que ainda não pintou essa paisagem” (Brunswick, 2023, p. 70).

Por esse relato, podemos destacar algumas antíteses em relação ao sonho fóbico com os lobos. Onde era noite, passou a ser dia. Os galhos vazios das árvores nas quais os lobos aterrorizantes estavam sentados agora se encontram num reconfortante entrelaçamento (interpretado também como os pais no abraço sexual). Por fim, “o que era assustador e ameaçador se tornou belo e reconfortante” (Brunswick, 2023, p. 70).

Porém, o progresso no sonho não representou um simples abandono de sua fantasia infantil. Nos dias que seguiram, o paciente trouxe outro sonho. Dessa vez, ele se encontrava ajoelhado nos pés de sua analista. Para Brunswick, essa cena representava um retorno a sua antiga passividade. Por meio do material onírico e do apontamento de sua posição feminina, foi possível demonstrar toda sua construção delirante. “Agora, ele percebia que todas suas ideias de grandeza e o medo do pai, e, acima de tudo, seu sentimento de dano irreparável pelo pai, eram fachadas para sua passividade” (Brunswick, 2023, p. 71). Em termos de constituição psíquica, Brunswick comenta que, caso tivesse aceitado essa posição feminina e

não tivesse armado suas defesas contra ela, o Homem dos Lobos poderia ter sido poupado de sua doença (Brunswick, 2023).

Esta é uma reflexão interessante, mas ao mesmo tempo perigosa. Primeiro, pois entraríamos no plano da especulação. Existem diversas possibilidades que poderiam ou não ocorrer e que, de certa forma, impactariam na constituição psíquica desse sujeito. Poderíamos inclusive nos perguntar se, numa cultura que levasse em conta identidades de gênero para além do binarismo sexual, o Homem dos Lobos adoeceria por sua posição feminina. Ou então, se nesse contexto, seu desejo homossexual pelo pai não precisasse sofrer severo recalçamento.

Adentrando mais a fundo nessa digressão, tendo a acreditar que, por mais que a luta pela pluralidade das identidades sexuais traga avanços sociais evidentes, como a conquista de direitos e a melhoria na qualidade de vida, é difícil pensar a ausência de conflito no que se refere ao âmbito sexual, seja ele social, seja ele individual. Vale lembrar que essas noções não estão apartadas. Em *Psicologia das massas e análise do Eu* em que Freud, já no primeiro parágrafo, traz o seguinte ponto: “Na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto auxiliador e adversário, e portanto a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social” (Freud, 2021, p. 14).

Nesse sentido, poderíamos recair na ideia de que numa sociedade mais permissiva e menos repressora em relação à sexualidade, tenderíamos menos às doenças neuróticas. Entretanto, não foi isso que o Pequeno Hans nos ensinou. Não bastou que uma educação parental orientada pela psicanálise e com o mínimo de coerção pudesse isentá-lo do adoecimento. “O papel repressor atribuído à educação como opositora da vida pulsional será ocupado por uma instância do próprio psiquismo” (Gueller e Souza, 2022, p. 73).

Por essa razão, para além de pensar nas possibilidades ou não de adoecimento (como faz Brunswick), é interessante pensar como essa constituição ocorreu e como sua manifestação está articulada com o processo de adoecimento. Seguindo esse caminho somos levados a pensar nos impactos da cultura para constituição psíquica dos sujeitos, em especial, na forma em que estes adoecem. Neste momento, lembremos da passagem freudiana a respeito da dissecação da personalidade psíquica, quando este lecionava suas *Novas conferências introdutórias à Psicanálise*. Há, nesta constituição, um processo análogo à produção de um cristal. “Se lançamos um cristal ao chão, ele se quebra, mas não arbitrariamente; ele se parte conforme suas linhas de separação, em fragmentos cuja delimitação, embora invisível, é predeterminada pela estrutura do cristal. Os doentes mentais são estruturas assim, fendidas e despedaçadas” (Freud, 2020, p. 194).

Retornando ao caso, temos que a interpretação acerca da passividade do Homem dos Lobos e a sucessão de sonhos, tiveram ganhos significativos em sua doença. Nas sessões seguintes, Brunswick conta do início de uma identificação paterna, a partir de sonhos que remetiam à ideia de um filho submisso. Por meio dessa nova posição, surgiu uma corrente transferencial heterossexual com a analista que o possibilitou, por meio dos sonhos, se rebelar contra o pai, ou Freud, como suspeitava Brunswick. A partir de então, “ele tornou-se capaz de perceber que seu sintoma nasal não era um fato, mas uma ideia baseada em seu desejo inconsciente e na defesa contra ele que, juntos, se mostraram mais fortes que seu senso de realidade” (Brunswick, 2023, p. 76).

O restante do relato de Brunswick evidencia a cura de seu paciente e seu retorno às atividades que antes lhe davam prazer. Assim, o Homem dos Lobos pôde voltar seu interesse à literatura, em especial aos romances que apreciava. Além disso, seu planejamento acerca do trabalho e uma nova mudança de caráter também são levantados pela analista. Agora, o paciente se encontrava novamente íntegro e com uma personalidade perspicaz e atraente. Os comportamentos mesquinhos e suas desonestidades tratadas em análise, assumiram para ele um tom de mistério. Na concepção de Brunswick, essa percepção, ou falta dela, estava assentada em uma observação que uma vez ele fez sobre a esposa: “As mulheres sempre foram assim - desconfiadas e suspeitas, e com medo de perder coisas” (Brunswick, 2023, p. 77).

## CONCLUSÃO: AS PROBLEMÁTICAS DIAGNÓSTICAS

Por fim, vejamos as problemáticas diagnósticas que acompanharam o caso para além do tratamento com Freud. Novamente, as diferentes leituras do texto não estão isentas do contexto em que foram produzidas. Por meio delas, buscou-se elaborar novos conceitos psicanalíticos e reformulações teóricas importantes que, inevitavelmente, impactam na técnica e leitura de futuros casos.

Na leitura de Freud, como apresentado, temos uma diversidade diagnóstica. Inicialmente diagnosticado como neurose fóbica e posteriormente convertida para obsessiva, Freud nos comunica a respeito de uma possível histeria, relacionada aos seus sintomas somáticos de constipação devido à identificação materna (Freud, 2021). Ainda que traços fetichistas em relação à suas predileções sexuais e o episódio alucinatório acerca do dedo cortado, embaracem o quadro clínico freudiano, o que permanece (ao menos no período selecionado pelo autor), é a hipótese neurótica do caso. “O afastamento da realidade, assim considerado, o coloca, em termos freudianos, muito mais próximo de uma fuga da realidade do que de uma reconstrução, o que nos conduz para um diagnóstico de neurose, e não de psicose” (Lora e Silva, 2018, P. 155).

Antes de saltar para clínica lacaniana, é imprescindível a passagem pela análise de Brunswick, que assumiu um papel fundamental nesta problemática. Às voltas com o pensamento kleiniano, a psicanalista fez uma leitura diferente do caso, como apresentado acima. No fim de *Suplemento à História de uma análise infantil*, Brunswick retomou a problemática diagnóstica. Como foi possível uma passagem neurótica de um primeiro atendimento com Freud para psicótica no segundo com ela (Brunswick, 2023)? Para responder, a autora lançou duas hipóteses: a primeira, é de que o tratamento com Freud tenha eliminado suas resoluções sintomáticas via neurose, tendo o paciente encontrado a psicose como possibilidade de elaboração; a segunda, diz respeito à possibilidade deste ser um paranoico latente<sup>3</sup>. Para a autora, “a forma paranoica da doença do paciente só pode ser explicada pela profundidade e pelo conseqüente grau de expressão de seu apego ao pai” (Brunswick, 2023, p. 88).

No entendimento de Brunswick, a fixação na figura do pai e a identificação com a mãe, eram também manifestações de sua feminilidade. Daí, decorre a ideia de sua passividade atrelada à posição feminina. Seguindo seu raciocínio, essa passividade quando

---

<sup>3</sup> É difícil não associar a ideia de psicose latente com a psicose ordinária desenvolvida por Miller. Para o francês, esta seria uma psicose ainda não desencadeada e que, portanto, dificultaria sua diagnóstica. Não à toa, o Homem dos Lobos serviu de paradigma para esse novo quadro clínico.

manifestada no gênero masculino encontra três possibilidades de expressão: masoquismo, homossexualidade passiva e paranoia. Elas, por sua vez, representam as expressões neuróticas, perversas e psicóticas (Brunswick, 2023). No caso do Homem dos Lobos, a análise com Freud tratou de sua neurose, enquanto que o aspecto paranoico (mais profundo), não pôde ser trabalhado pelo psicanalista. Vale dizer que a autora não menciona a manifestação perversa em seu paciente. Podemos supor que esta se manifestasse em suas relações sexuais, ao exigir determinadas posições específicas para a realização do coito.

Após esse suplemento da escrita do caso, surge uma cisão a respeito do diagnóstico entre neurose e psicose. Será a partir deste terreno que Lacan herdará a discussão. Para ele, no momento inicial de sua transmissão via seminários, o Homem dos Lobos se apresentava como um paciente psicótico, haja vista seu episódio alucinatório do corte do dedo. Será por essa via que, inicialmente, Lacan pensa o mecanismo da foraclusão (*Verwerfung*), ainda que depois passe a trabalhá-lo pelas palavras do presidente Schreber e não mais de Serguei.

Lacan, em sua leitura do caso, dá atenção especial à cena em que o menino alucina uma imagem de seu dedo cortado em frente a noqueira. Segundo ele, este é um fenômeno típico da psicose, ainda que neste período não seja possível estruturá-lo enquanto psicótico (Lacan, 2021). Sobre este episódio, o psicanalista se debruça na concepção da foraclusão, em que o sujeito rejeita a castração. Sendo a castração foracluída no simbólico, esta retorna no real pela via alucinatória. A imagem do corte no dedo remete a tal cena. Nesse sentido, entendemos esse mecanismo como “uma não simbolização, uma rejeição mais radical que a do recalçamento, uma vez que o recalçamento supõe de início que tenha sido reconhecido o que é depois negado” (Lora e Silva, 2018, p. 55).

Partindo deste terreno, Lacan abre dois caminhos de elaboração a respeito do texto freudiano. (Lora e Silva, 2018). O primeiro diz respeito à, já citada, conceituação do mecanismo da foraclusão, elaborado principalmente no início de sua obra, no seminário *Sobre o Homem dos Lobos* e nos seminários 1 e 3. O segundo, versa acerca do estatuto da letra no inconsciente, que se repete para além da significação. Estes caminhos serão apenas indicados e não percorridos, tendo em vista nosso objetivo e recorte de pesquisa.

Futuramente, iremos reencontrar a confusão diagnóstica histórica do caso, dentro do próprio ensino lacaniano. Desta vez, a polêmica é um tanto diferente. Durante uma sessão do seminário 10, intitulado *A angústia*, Lacan afirma que o Homem dos Lobos, na verdade, seria um caso *borderline*. Porém, esta fala é alterada durante a transcrição e publicação dos seminários. Somente pelo acesso ao site *Staferla* é possível escutar e acessar o momento em que Lacan se refere ao paciente freudiano com este diagnóstico limítrofe. “A abreviação da

hipótese de que o caso mais importante da psicanálise tivesse seu diagnóstico para além da oposição neurose ou psicose representaria uma dissolução do edifício diagnóstico construído pela tradição de leitores de Lacan” (Lora e Silva, 2018, P. 166). Essa elisão pode ser entendida como uma tentativa de sustentar possíveis abalos no diagnóstico estrutural da teoria lacaniana (Lora e Silva, 2018).

Miller, responsável legal pela organização e publicação da obra lacaniana, também entra nesta conversa para oferecer sua contribuição. Em um de seus seminários, entre 1987 e 1988, o psicanalista se dedica a leitura do caso e propõe uma outra leitura diagnóstica. Em sua concepção, o Homem dos Lobos seria um caso de psicose ordinária, noção elaborada por ele como uma clínica diferencial das psicoses. “Miller argumenta que no Homem dos Lobos ocorre uma rejeição/forclusão da castração, e não do Nome-do-Pai, retomando o papel do pai no caso do Homem dos Lobos no *Seminário I* de Lacan.

Após esse breve panorama histórico a respeito da hipótese diagnóstica dos autores, Dunker e Mendonça levantam uma hipótese interessante. “Talvez a grande dificuldade diagnóstica que tanto se discute ao longo dos anos sobre o caso do Homem dos Lobos esteja muito mais próxima de como cada autor deseja se servir desse caso para justificar sua própria teoria” (Lora e Silva, 2018, P. 174). Ou seja, aqui nos lembramos do questionamento das demandas psicanalíticas ao caso e do próprio relato de Serguei em relação à análise com Freud. “Lo único que puedo dizer es que mi análisis com Freud yo no me sentía tanto en la situación de paciente como em la de colaborador, el camarada más joven de um explorador experimentado que se embarca em el estudio de um território nuevo y recién descubierto” (1976, p. 164).

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Barros, D. Fala no curso *Casos clínicos de Freud*. São Paulo, 17 de outubro de 2024.
- Brunswick, R. M. *Escritos Reunidos*. São Paulo. Ed: Quina, 2023.
- Calvino, I. *Por que ler os clássicos*. São Paulo. Ed. Companhia das Letras, 2005.
- Dunker, C. *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica*. São Paulo. Ed. Zagodoni, 2021.
- Freud, S. *Histórias clínicas*. Belo Horizonte. Ed. Autêntica, 2021.
- Freud, S. *Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)*. São Paulo. Ed. Companhia das Letras, 2021.
- Gardiner, M. *El hombre de los lobos por el hombre de los lobos*. Buenos Aires. Ed. Nueva Vision, 1976.
- Gueller, A. S. e Souza, A. S. L. *Psicanálise com crianças*. Belo Horizonte. Ed. Artesã, 2022.
- Lacan, J. *Nos confins do Seminário*, Rio de Janeiro. Ed. Zahar, 2022.
- Lacan, J. *O seminário 3*. Rio de Janeiro. Ed. Zahar, 2021.
- Lora, D. Z. e Silva S. M. *O Retorno do Homem dos Lobos*. Porto Alegre. Ed. Sulina, 2018.
- Mahony, P. *Gritos do Homem dos Lobos*. Rio de Janeiro. Ed: Imago, 1992.
- Mezan, R. *A vingança da esfinge*. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1988.
- Gay, Peter. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo. Ed. Companhia das Letras, 2006.
- Spence, D. *A metáfora freudiana*. Rio de Janeiro. Imago, 1992.

Zizek, Slavoj. *Mais-gozar: um guia para os não perplexos*. São Paulo. Ed. Vozes, 2024.